

ARTIGO

C. René PADILLA

Teólogo equatoriano fala com exclusividade sobre
Marxismo, Teologia da Libertação e Missão Integral.

Pág. 22



HISTÓRIA

Reformados pioneiros

Detalhes das primeiras incursões
protestantes no Brasil. Pág. 42



NESTA EDIÇÃO

RUTE, A AMIGA | KATARINA VON BORA | GILSON MOREIRA | ÓRGÃO GRENZING

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Faz toda a diferença ser Unicesumar.

Além de ser a melhor educação a distância do Brasil segundo o MEC, a Unicesumar tem mais de 50 cursos de graduação, com professores renomados, aula ao vivo uma vez por semana e uma metodologia que se adapta a sua rotina. Venha conhecer por que faz a diferença ser um de nós.



Melhor EAD do Brasil
segundo o MEC



**Polos em
todo o Brasil**

VISITE O POLO
unicesumar.edu.br

0800 600 6360

Unicesumar
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

* Maior IGC entre as IES vinculadas aos 10 maiores grupos educacionais do Brasil (Análise Setorial Hoper - 2017), considerando a média do IGC contínuo das mesmas IES como critério de desempate. Consulta Avançada disponível na e-MEC/2018.

TUDO EM SEU TEMPO

Num piscar de olhos, os meses passam diante de nós. Meio ano se foi e estamos no segundo semestre de 2019. A Revista Visão caminha para o seu vigésimo ano de circulação. A sensação é de missão cumprida. A publicação ganhou corpo e relevância e desempenha importante função como veículo da fé reformada no Brasil.

Nesta edição 59, o destaque vai para o texto escrito pelo Rev. Dr. Carlos René Padilla, equatoriano que vive em Buenos Aires e discute com profundidade temas polêmicos como a Missão Integral, o marxismo e a Teologia da Libertação (página 22). **Quase faltaram páginas o suficiente para a diversidade de temas tratados neste número: das primeiras incursões de protestantes no Brasil ainda colonial (página 38), passamos por uma reflexão sobre a ação divina por meio da vida de Rute (página 44), e**

um apanhado histórico que mostra a trajetória da Bíblia até suas versões mais modernas, disponíveis em aplicativos para celular (página 52).

Quatro páginas estão dedicadas ao assunto que tem movimentado não apenas a comunidade da Primeira Igreja, mas todo o cenário cultural paulista: a inauguração do órgão Grenzing, de propriedade da Universidade de São Paulo e instalado na Catedral com apoio da Fundação Mary Speers. Uma série histórica de concertos com alguns dos mais importantes músicos e grupos musicais brasileiros e latino-americanos marcou a temporada de inauguração do instrumento. Leia mais na matéria “Uma joia predestinada” (página 28).

Esperamos que a leitura seja agradável e enriquecedora. Fique à vontade para enviar sugestões de temas e pautas para os próximos números da revista. Boa leitura!

ALLISON DE CARVALHO



REV. VALDINEI FERREIRA

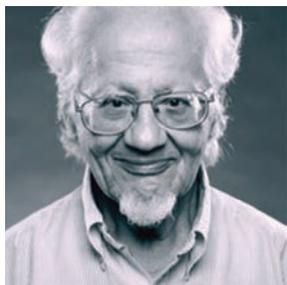
Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

“A Revista Visão caminha para o seu vigésimo ano de circulação. A sensação é de missão cumprida. A publicação ganhou corpo e relevância e desempenha importante função como veículo da fé reformada no Brasil.”

Rev. Valdinei Ferreira



28



38

22

Jornal da Catedral	08
Tradição do canto coral na Igreja Reformada, Três fundações sob tutela da Primeira Igreja.	
Biografia	14
Quem foi Katharina von Bora, esposa de Martinho Lutero e peça-chave da Reforma.	
Destaque	22
Teólogo equatoriano Carlos René Padilla escreve com exclusividade para a Revista Visão.	
Música	28
Uma joia predestinada: órgão Grenzling é inaugurado com série de concertos na Catedral.	
Fé&Carreira	32
Conheça a trajetória do engenheiro e membro da Primeira Igreja Gilson Moreira.	
História	38
Rev. Valdinei Ferreira escreve sobre as primeiras incursões protestantes no Brasil colonial.	
Artigo	44
Rute, a amiga: uma breve reflexão sobre a moabita e a surpreendente maneira como Deus agiu.	
Ciência Explica	52
Da tradição oral do Pentateuco às versões digitais em aplicativos, como a Bíblia atravessou os séculos.	
Catedral no Centro	56
Seleção de feiras abertas para visitar pertinho da Catedral.	
Resenhas	58
Sugestões de livros e aplicativos de interesse geral.	



14



REPRODUÇÃO / ARQUIVO PESSOAL

EXPEDIENTE

A **visão** é uma publicação quadrimestral da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

CONSELHO EDITORIAL

Rev. Valdinei Aparecido Ferreira, Rev. Roberto Mauro de Souza e Castro, Rev. Reginaldo von Zuben, Presb. Italo Francisco Curcio, Presb. Dorothy Maia, Maria Elisa C. Pereira

PRODUÇÃO EDITORIAL

ContentXP Comunicação Ltda.



EDITOR Gustavo Curcio MTB 0076428/SP

REDAÇÃO:

Aline Barbosa, Larissa Iole e Pedro Zuccolotto (texto), **Theodoro Mulyaert** (arte)

11 2619.0752

Endereço: Alameda Lorena, 800 |
Cj.602 São Paulo
| SP | Brasil | CEP 01424-000

Impressão: Gráfica Hawaii
Tiragem: 1.500 exemplares

Se você tem críticas e/ou sugestões, envie um e-mail para comunicacao@catedralonline.com.br

CATEDRAL EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

Rua Nestor Pestana, 152, Consolação — São Paulo | SP 01303-010 | BRASIL | Tel.: 00 55 11 3138.1600



www.catedralonline.com.br



CADA PESSOA TEM A CAPACIDADE PARA AJUDAR A TRANSFORMAR A REALIDADE DE MILHÕES DE SERES HUMANOS QUE ENCONTRAM-SE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.

Pensando nisso, você pode contribuir com a **Fundação Mary Harriet Speers** como pessoa física.

Serviço Voluntário – É mais do que oferecer um pouco de tempo e de habilidades. É mais do que um trabalho meramente burocrático. É vocação. É uma experiência real de vida! É, enfim, um cuidado especial com quem realmente necessita.

Convite: Se você é profissional liberal, especialmente das áreas de medicina e odontologia e deseja realizar trabalho voluntário, entre em contato conosco.

“Seja a mudança que você quer ver no mundo”.

Mahatma Gandhi

Para mais informações:
www.maryspeers.org.br/como-ajudar



Fundação
Mary Harriet Speers
Multiplicando recursos para transformar vidas.

Desperte nos futuros profissionais da construção os valores, a inovação e os ideais da sua empresa.

O **ArqXP** vai transformar a relação da sua marca com o mercado da construção.

Como? Ativando uma conexão permanente entre os talentos da sua empresa e os futuros profissionais da construção civil.

O **ArqXP** promove o contato direto entre alunos dos cursos de engenharia, arquitetura e desenho industrial com as iniciativas mais brilhantes de inovação do mercado da construção por meio de debates, palestras, cursos e visitas técnicas em fábricas e obras.

Conheça a estratégia disruptiva do **ArqXP** para promover experiências entre empresas, universidades, profissionais e futuros profissionais.

content experience

Objetivo: divulgação de conteúdo técnico da construção civil como fonte e referência das melhores práticas do setor.

- ✓ Plataforma digital e *app* de conteúdo com notícias, *cases*, portfólio de obras e arquitetos, catálogos de produtos com foco em inovação.
- ✓ Revista impressa e digital com publicação de artigos científicos de empresas ou instituições de ensino com curadoria de conselho técnico.
- ✓ Cursos, palestras e debates com presença de plateia de alunos e professores e transmissão ao vivo via Redes Sociais.

business experience

Objetivo: criar um ambiente presencial e digital para a fomentação de valores e iniciativas de inovação das empresas.

- ✓ Página exclusiva da sua empresa no portal com espaço para inclusão de 2 posts semanais com iniciativas de inovação ou RH.
- ✓ Plataforma de divulgação de programas de estágio, *trainee*, plano de carreira, valores e missão da empresa.
- ✓ Realização de 2 eventos de conexão por mês entre a sua empresa e o público universitário: alunos e pesquisadores.

travel experience

Objetivo: promover o contato direto dos alunos com a indústria da construção civil e canteiros de obras no Brasil e no Mundo.

- ✓ Organização de viagens temáticas dentro e fora do país com roteiros acompanhados por pesquisadores brasileiros.
- ✓ Realização de visitas técnicas em fábricas de insumos, fornecedores e desenvolvedores de sistemas construtivos no Brasil e o Mundo.
- ✓ Realização de eventos demonstrativos de tecnologia, métodos construtivos, produtos em laboratórios e centros de pesquisa.

Apoio:



Parceiros:



FALE CONOSCO:

E-mail: gustavo@arqxp.com

Phone: 55 11 9.9654.3535 / 2619.0752

Website: arqxp.com / contentxp.tk

Instagram: [@arq_xp](https://www.instagram.com/arq_xp)

Limpos de coração

A fé cristã está diretamente relacionada ao coração humano. Certa vez, ouvi um pastor pregar que “o cristianismo é a religião do coração”. De fato, Jesus dá grande importância ao coração humano. Ele ensinou muitas coisas sobre como é e como deve ser o nosso coração. Por exemplo, no Sermão do Monte, ao falar sobre a preferência que devemos dar em acumular tesouros no céu e não na Terra, Jesus disse: “[...] porque, onde está o teu coração, aí estará também o teu tesouro” (Mt 6.21). Numa outra ocasião, diante da pergunta de um escriba sobre o principal mandamento, Jesus respondeu: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração” (Mc 12.30). Ao tratar sobre o pecado na vida humana, por meio da exortação aos fariseus, Jesus afirmou: “Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34). Voltando ao Sermão do Monte, cujo objetivo é o coração humano transformado pelos valores do Reino de Deus, Jesus anunciou: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5.8).

Na Bíblia, o coração é sinônimo de interior, ou seja, é a sede da alma, aponta para a profundidade do nosso ser, onde se encontra a nossa personalidade. No coração estão a inteligência e os sentimentos. Ele também representa a singeleza da mente, bem como pureza e sinceridade de espírito. Por ser assim, em nosso coração estão as nossas prioridades, aquilo que determina a nossa vida íntima e prática, é onde estão os valores e os propósitos que definem o que somos e como vivemos. O coração é o “eu” de cada um de nós.

O evangelho de Cristo nos coloca numa difícil e real condição em relação ao nosso coração: limpo ou sujo. Obviamente que ter o “coração limpo”, no contexto de Jesus, significa não ter o “coração sujo”. A sujeira no coração se faz presente mediante a maldade, insensibilidade, a dureza e o egoísmo. Numa única palavra, o “coração sujo” é governado pelo pecado, isto é, por aquilo que corrrompe, mancha, denigre e conduz o ser humano à perdição e à morte. Desta forma, “coração limpo” significa o coração tomado e preenchido com a “boa notícia” da parte de Deus que se configura como graça, amor, solidariedade e salvação.

“Coração sujo” nos afasta de Deus, por isto é diabólico. Isto é o que nos ensina Hebreus 3.12: “Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo”. Já, o “coração limpo” nos aproxima de Deus, nosso criador e redentor, doador da vida plena. “Coração sujo”, mau, impuro, impede-nos de ver a Deus, bem como a sua graça, o seu amor e a sua bondade em nossa vida, na criação e no mundo. Deste modo, o “coração sujo” tem o poder de nos tornar cegos diante das maravilhas e da ação de Deus. Por sua vez, o “coração limpo” nos aproxima de Deus de tal forma que, segundo as palavras de Jesus, torna-se possível “ver” a Deus. Segundo o apóstolo Paulo, agora nós vemos a Deus “como espelho”, “obscuramente”, “em parte”, mas depois “veremos face a face” (cf. 1Co 13.12). É possível ver a Deus já, agora, nesta vida terrena, por meio de tudo aquilo que Deus é e faz. Portanto, esta visão de Deus não é literal, mas, pela fé, sentimos, compreendemos e contemplamos Deus se manifestan-

do em nossa vida e na história. No entanto, os “limpos de coração” verão a Deus no sentido pleno também, no futuro próximo, na glória, quando chegarmos ao nosso destino final, na morada eterna. Esta é uma das mais importantes e confortantes promessas do evangelho de Cristo.

É no coração que Deus age. Deus prefere o interior do que o exterior. Estas são as palavras divinas dirigidas a Samuel: “[...] porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1Sm 16.7). Portanto, no coração é que se inicia a transformação que nos leva à imagem de Cristo. A graça, a paz, a fé, o amor e a esperanças vindas de Deus estão, antes de qualquer outro lugar ou acontecimento, no coração das pessoas.

É possível encontrar “sujeiras” em nosso coração, mas é possível também que ele seja “limpo” por obra divina. Resta-nos, nesta vida, desejarmos e buscarmos a pureza em nosso interior, o “coração limpo”. O caminho para isto é esperança e fé confiante e dependente do amor de Deus já revelado em Cristo Jesus, mediante ação do Espírito Santo em nós, conforme nos ensina novamente o apóstolo Paulo: “E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado”. Assim que Deus nos dê a graça de termos o coração limpo para contemplá-lo. ■



REV. REGINALDO VON ZUBEN
Pastor auxiliar da
Primeira Igreja
Presbiteriana
Independente
de São Paulo

DE ONDE VEM...

...A TRADIÇÃO DO CANTO CORAL NA IGREJA REFORMADA?

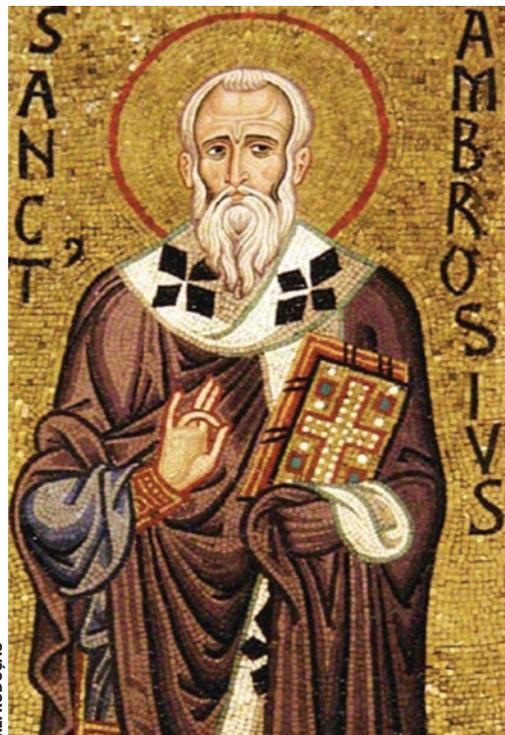
A música foi uma das molas propulsoras da Reforma Protestante, no século 16, na Alemanha e em toda a Europa. Antes da Reforma de Lutero, a música nas igrejas era restrita unicamente aos monges e aos meninos do coral, que cantavam de forma monofônica em latim, sem acompanhamento de instrumento musical. Vozes femininas e de leigos não eram permitidas.

Ninguém compreendia o que era lido ou cantado, a não ser que tivesse estudado em algum mosteiro, convento ou escola, o que era para poucos. Por mais de mil e quinhentos anos, inicialmente, a música que se ouvia nas igrejas era o canto ambrosiano, criado por Ambrósio de Milão (foto à direita), no quarto século.

É neste contexto histórico-cultural que nasce Martinho Lutero. Lutero integrou os corais nas escolas em que estudou, teve sólida formação técnica e teórica em música, tinha facilidade em tocar flauta transversal, e de forma autodidata aprendeu a tocar alaúde. Além disso, cantava e era compositor. Como monge aprendeu o canto gregoriano e o conhecia em todas as suas nuances. Este conjunto de fatores fez com que Lutero inovasse em todos os sentidos, inserindo a música como uma das principais ferramentas da Reforma Protestante.

Lutero fez uma releitura do canto gregoriano, retendo o que era bom e modificando o que se tornaria a grande novidade para a época, ou seja, o canto coral, acompanhado de instrumentos musicais, com a participação de toda a comunidade cristã. Em vez de apenas os monges e integrantes do clero participarem com o canto gregoriano, todos cantavam, e, por este motivo, Lutero é considerado o pai do canto congregacional.

Calcula-se que Lutero tenha composto mais de 130 hinos. As primeiras músicas e melodias corais foram compiladas em conjunto com Johann Walter, um dos mais expressivos compositores da época. O primeiro hinário foi lançado em Wittenberg, em 1524, com oito canções, em seguida, outra coletânea, o Pequeno Hinário Espiritual, já com quatro vozes, e 32 hinos alemães e cinco latinos, e, assim, foram sendo compilados vários



REPRODUÇÃO

outros, sendo prefaciados por Lutero. É de Lutero a frase: “Somente uma coisa podemos mencionar e que a experiência confirma: depois da palavra de Deus, a música merece o mais alto louvor”. ▲

“Somente uma coisa podemos mencionar e que a experiência confirma: depois da palavra de Deus, a música merece o mais alto louvor”.

Martinho Lutero



CORO MISTO DA CATEDRAL

Parte fundamental da liturgia nos cultos da Primeri Igreja, o grupo é o mais antigo coral ainda vivo na capital paulista. No destaque, maestro Cremilson dos Santos, à frente dos coros como maestro titular.

Onde nasceu o canto coral?

A prática coral é mais antiga do que imaginamos. Desde o antigo Egito e Mesopotâmia, os cultos religiosos já tinham canto coral.

Do grego, Chóros representava um conjunto artístico composto por poesia, canto e dança. No cristianismo antigo, *Chorus*, em latim, significava um grupo que cantava ou a abside (da arquitetura: “nas igrejas cristãs, nicho ou recinto desse tipo, situado na extremidade da nave principal ou lateral, do coro ou do transepto”, *Dicionário Houaiss*) junto ao altar, separada da comunidade pelas cancelas, e mais tarde também denominava o lugar onde ficava o órgão.

Foi apenas no século XIII que o desenvolvimento da técnica coral gerou novas formas de canto coral, estabelecendo a tão comum estrutura a quatro vozes. Os coros treinados, coros de monges e clérigos, cada vez mais se aperfeiçoavam e, por vezes, se dividiam em dois grupos que cantavam alternadamente (canto antifônico) ou então respondiam a um solista (canto responsorial).

ASAPH HIROTO



ROBERTO MAURO



ROBERTO MAURO



ROBERTO MAURO

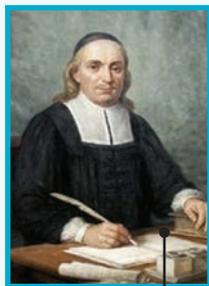
HINOS DA NOSSA HISTÓRIA

Oh, Fronte Ensanguentada



1
BERNARD DE CLAIRVAUX

(1090-1153) foi um abade francês, fundador da Abadia de Clairvaux, na Diocese de Langres, na França. Além de compositor e redator de hinos, atuou intensamente na reconciliação da igreja em momentos de crise, como o Cisma Papal de 1130. Foi canonizado em 1174.



2
PAUL GERHARDT

(1607-1676) foi um teólogo evangélico-luterano e é, talvez junto com Martinho Lutero, o poeta sacro mais importante da língua alemã. Empenhou-se numa guerra religiosa no eleitorado de Brandenburgo. Por ser contrário ao príncipe eleito Frederico-Guilherme I, calvinista, Gerhardt foi destituído do seu pastorado.

Muitas vezes não temos ideia de como os hinos que cantamos hoje nos cultos foram criados. Nem imaginamos o contexto em que foram escritos e musicados. “Oh, Fronte Ensanguentada” é um ícone tradicional da hinologia batista, adventista, luterana e presbiteriana no Brasil. Mas, para chegar até nós, foi preciso que, no mínimo, seis servos de Deus trabalhassem nele, incluindo J. S. Bach.

A letra original foi extraída e adaptada do longo poema do século 14 *Salve Mundi Salutari* (Salve aquele que sara o mundo), atribuído a **Bernard de Clairvaux** **1**. O poema compunha-se de sete meditações sobre o corpo de Cristo pendurado na cruz: pés, joelhos, mãos, lados, peito e coração. A sétima parte, *Salve caput cruentatum* (Salve, cabeça ensanguentada), focalizou a cabeça de Cristo coroada de espinhos.

Paul Gerhardt **2** adaptou

esta sétima seção para o alemão em 1656, criando O *Haupt voll Blut und Wunden* (Ó cabeça ensanguentada e ferida), hino de dez estrofes. A melodia é de **Hans Leo Hassler** **3**, ilustre compositor luterano nascido em Nuremberg, Alemanha. Hassler publicou obras para órgão, madrigais, litânias, motetos sacros e dois hinários, mas esta melodia, pela qual ele é mais lembrado, foi composta em 1601 para uma letra secular.

“Oh, Fronte Ensanguentada” foi vertido para o inglês por **James Alexander Waddell** **4**, hinista e pastor presbiteriano americano. E foi a partir dessa versão em inglês que foi feita a tradução em português, em 1950, por meio do cuidadoso trabalho do Prof. **Isaac Nicolau Salum** **5**.

Este choral (hino) alemão aparece cinco vezes na *Paixão de São Mateus*, de **Johann Sebastian Bach** **6**, e sua melodia recebeu o nome de *Passion Choral* (*Hino da Paixão*). ▲



4
JAMES WADDELL ALEXANDER (1804-1859) foi ministro presbiteriano e teólogo americano, estudou Teologia no Seminário de Princeton. Foi pastor da igreja presbiteriana da rua Duane em Nova Iorque, depois chamada de Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida. Serviu como ministro até a sua morte.



5
ISAAC NICOLAU SALUM (1913-1993) nasceu na cidade de Alpinópolis, MG. Após estudar no Instituto José Manoel da Conceição (JMC), em Jandira (SP), formou-se em letras clássicas na Universidade de São Paulo e em teologia na Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana Independente. Foi um notável filólogo e professor de letras clássicas, tendo lecionado no Instituto Mackenzie e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Fez versões e adaptações de muitos hinos conhecidos (“Surgem anjos proclamando”, “Oh! Fronte ensanguentada”, “Tuas obras te coroaam”, “Descansa, ó alma”, “A nós aqui reunidas” etc.).

E

HANS LEO HASSLER (1564-1612) fez seus primeiros estudos com seu pai, Isaak Hassler. Foi organista na Igreja Frauenkirche, em Nuremberg e, em 1608 foi escolhido organista e músico na corte de Christian II, Eleitor da Saxônia, permanecendo nesta posição até sua morte.



FOTOS REPRODUÇÃO

6

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750) nasceu em Eisenach, Alemanha, estudou nas escolas corais de Ohrdruf e Lüneburgo. Aprendeu a tocar órgão, violino e viola. Homem fervoroso, a maior parte da sua obra foi dedicada à música sacra. Ao todo Bach harmonizou um total de 371 corales (hinos protestantes alemães), escreveu cinco coleções de composições sacras para cada domingo e Dia de Festa do ano, aproximadamente 300 Cantatas, cinco Paixões, dois Magnificats, uma Missa Solene e diversas missas curtas para a liturgia luterana, oratórios bíblicos, cinco Santus, motetos, obras vocais, um vasto repertório para órgão, tanto sacro como secular e numerosas peças para teclado e para orquestra.

HINO 130 DO HINÁRIO CANTOR CRISTÃO "OH, FRONTE ENSANGUENTADA!"

**Oh, frente ensanguentada, em tanto opróbrio e dor,
de espinhos coroada com ódio e com furor!
Tão gloriosa outrora, tão bela e tão viril!
Tão abatido agora de afronta e escárnio vil!**

**Quão humilhada pende a face do Senhor!
Não vive, não resplende, já não tem luz nem cor.
Oh, crime inominável fazer anunciar
o brilho inigualável de um tão piedoso olhar!**

**Estás tão carregado, mas todo o fardo é meu.
Eu, só, me fiz culpado, e o sofrimento é teu.
Eu venho a ti, tremente; mereço a punição,
mas olhas-me, clemente, com santa compaixão.**

**Sê meu refúgio forte, meu guia, vida e luz.
Que eu sinta, vendo a morte, conforto em tua cruz.
Na cruz com fé me abrigo: ao ver que ao lado estás,
eu me unirei contigo e vou dormir em paz.**

3 Fundações sob a tutela da Primeira Igreja

Mary Harriet Speers, Francisca Franco e João Alves Galhardo: três nomes, três fundações, apenas uma igreja tutora.

Assim pode ser resumido o panorama que em breve teremos, pois a terceira fundação sob a responsabilidade da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo em breve estará organizada, atendendo pedido registrado em testamento pelo instituidor, João Galhardo, falecido em agosto de 2015. Ele, assim como d. Mary Speers e o casal Isaac e Odila Franco, deixou sob a responsabilidade da Primeira Igreja a organização de uma fundação com a finalidade de prover assistência à população carente de São Paulo.

A Fundação Mary Harriet Speers foi instituída em 7 de outubro de 1982, seis meses após o falecimento da instituidora. A Fundação Francisca Franco foi criada em 23 de dezembro de 1954.

Coube à Primeira Igreja responsabilidade de escolher os membros do Conselho de Curadores, do Conselho Fiscal e, indire-

tamente, os membros da Diretoria Executiva de ambas. Da mesma forma ocorrerá com a Fundação João Alves Galhardo, cujo estatuto já está aprovado pelo Ministério Público.

A Missão da Fundação Mary Speers é multiplicar seus recursos para transformar vidas por meio do conhecimento e oferecer suporte na área social, educacional e de saúde. Em seus projetos próprios, ela oferece atendimento humanizado, com profissionais qualificados nas áreas educacional, cultural e de proteção à saúde.

A Fundação Francisca Franco tem como Missão acolher, educar e profissionalizar crianças e mulheres em situação de vulnerabilidade social, resgatando o ser humano com dignidade.

Em seu testamento, João Galhardo recomendou que a fundação que seria criada tivesse a mesma finalidade da Francisca Franco.

Ao ser contemplada com tão elevados votos de confiança, a Primeira Igreja assumiu a



grande tarefa de fazer valer a vontade dos instituidores lavrada em seus testamentos e, mais do que isso, cumprir com o dever de cuidar para que os alvos sejam atingidos da melhor forma possível, em outras palavras, atuar para que o maior número possível de pessoas sejam atendidas em suas necessidades da melhor maneira que os recursos permitirem. ▲

Os instituidores



**MARY HARRIET
GERTRUDES IGNEZ DA
FONSECA COTCHING SPEERS**

Nasceu em São Paulo, em 5 de julho de 1906. Era filha única do casal Maria Victoria da Fonseca Cotching Speers e de Thomaz Percival Speers. Sua mãe descendia de paulistas tradicionais, aqui radicados desde os tempos coloniais, e seu pai pertencia a uma das várias famílias da Inglaterra que fincaram raízes no Brasil, para instalar, aqui, empresas de seu país, como o Bank of London, a Light and Power Company e a São Paulo Railway.

Neneca, apelido pelo qual era conhecida, ficou órfã aos 25 anos, herdando patrimônio e investimentos da família. As lições de solidariedade que aprendera com a mãe estavam enraizadas em seu caráter. Não era estranha a ela, portanto, a importância de desenvolver uma atividade beneficente.

Em 9 de março de 1981, redigiu seu testamento. Nele, deixou bem claro que, por “ter sido ricamente abençoada por Deus, pois conseguiu amellar um valioso patrimônio”, queria “contribuir para o bem da coletividade e para melhorar o padrão de vida de pessoas menos protegidas de fortuna”. Determinou que isso deveria ser concretizado “por meio do auxílio a estudantes carentes, independentemente de sua cor, religião, sexo ou raça” e “mediante prestação de auxílio a instituições que cuidem de velhos e de crianças necessitados.”



JOÃO ALVES GALHARDO

Era reservado e temente a Deus. Nascido em Paraguaçu Paulista, interior de São Paulo, faleceu com 80 anos, no dia 22 de agosto de 2015. Gostava de música, tendo cantado por muitos anos nos corais Misto e Masculino da Primeira Igreja e, às quartas-feiras, tocava piano nos cultos e nas reuniões de oração, na Capela. Era conhecido por sua amabilidade e presteza em servir, inspirando muitos dos que conviveram com ele.

O Conselho da Igreja tomou conhecimento da sua vontade de constituir uma Fundação em setembro de 2015 e acatou sua decisão registrada em testamento da seguinte forma: a) de destinar a totalidade de seus bens para a constituição de uma Fundação com o “propósito de elaborar, viabilizar e executar projetos de caráter social, educativo, cultural, científico, de meio ambiente ou de qualquer natureza que objetive a melhoria das condições de vida da população atendida e terá como missão capacitar o ser humano para o pleno exercício da cidadania inserindo-o de forma produtiva na sociedade”; b) confiar ao encargo do Conselho da Primeira Igreja a nomeação do Conselho de Curadores da Fundação e elaboração de seus estatutos.



ISAAC VIRGÍLIO FRANCO

Nasceu em 28 de abril de 1898, em Campestre, sul de Minas Gerais, faleceu em São Paulo, em 25 de junho de 1974, aos 76 anos. Estudou e graduou-se em São Paulo na tradicional escola Álvares Penteado do largo São Francisco, na área de ciências contábeis. Dedicou-se ao comércio de materiais de construção, participou da liderança das associações empresariais e colaborou ativamente com inúmeras associações filantrópicas e culturais ao longo de sua vida.

ODILA VIEIRA DO LAGO FRANCO

Nasceu em 15 de janeiro de 1900 em Areado, sul de Minas Gerais, faleceu em São Paulo, em 27 de dezembro de 1990, aos 90 anos.

Isaac e Odila Franco decidiram, com a intenção de colaborar com o crescimento das pessoas e o bem-estar da sociedade, destinar seus bens e rendimentos à área social. Assim, em 23 de dezembro de 1954, instituíram a Fundação Francisca Franco.

O nome da Fundação é uma homenagem à memória da mãe de Isaac, a sra. Francisca Franco, mulher de raras virtudes, cristã piedosa, esposa e mãe exemplar.



KATHARINA VON BORA

Texto **Aline Barbosa**

CONHEÇA A HISTÓRIA DA EX-FREIRA E ESPOSA DE LUTERO QUE SE DESTACOU DURANTE A REFORMA PROTESTANTE POR SUAS ATITUDES E PENSAMENTOS À FRENTE DE SEU TEMPO.

A Reforma Protestante marcou decisivamente a história da Igreja, sendo responsável por acabar com o monopólio católico romano no Ocidente, durante século XVI. “Iniciada em 1517, com as 95 Teses de Lutero, a Reforma Religiosa se espalhou pela Europa Central e mesmo além. Teve seu fim oficial em 1648, com a chamada Paz de Westfália, que encerrou a Guerra dos Trinta Anos. Lutero iniciou o processo, mas foi o líder apenas da Reforma Alemã, hoje chamada de Luterana”, explica Eduardo Chaves, professor de História da Igreja e pesquisador.

Quando se fala no movimento revolucionário, automaticamente o nome de seu líder, Martinho Lutero, é associado. Monge agostiniano, Lutero posicionou-se contra diversos dogmas do catolicismo romano e questionou fundamentos postos pela Igreja Católica, resultando em sua excomunhão. Contudo, diante do contexto do século XVI, em um período onde o papel do homem era o mais valorizado, existiam mulheres que se destacavam e faziam a diferença. Entre elas esta-

va Katharina von Bora, que futuramente se tornaria esposa de Lutero. “As mulheres estiveram presentes na Reforma. Mas durante 500 anos nós exaltamos apenas as figuras masculinas. Não se perguntava sobre a participação das mulheres.”, expõe Gerson Moraes, especialista em Ciência da Religião.

Nascida em 1499 e descendente de uma família nobre, Katharina foi levada ainda criança para um convento. Passou sua infância estudando os princípios da teologia, se dedicando à igreja. Aos 15 anos, fez seus votos de castidade em um Convento Cisterciano na Alemanha. Ao ficar sabendo das ideias protestantes do movimento liderado por Lutero, abolindo o monasticismo, resolveu escrever uma carta pedindo ajuda para abandonar a vida monástica. “Até os vinte e poucos anos ela tinha tido ‘donos’ o tempo todo: primeiro, seu pai; depois, as madres superiores dos dois conventos em que viveu (em um, como menina; no outro, como adolescente e moça). Descontente com esse fato, Katharina resolveu fazer alguma coisa

RETRATO DE KATHARINA VON BORA, por Lucas Cranach o Velho, 1526 (página ao lado).



para ter uma vida própria. Leu sobre a Reforma que Lutero estava promovendo em Wittenberg, escreveu para ele, e ganhou sua liberdade”, relata o pesquisador Eduardo.

Rute Salviano, professora de História do Cristianismo, explica que “no início do movimento, a maioria das mulheres convertidas eram ex-freiras, nobres ou aquelas ligadas por parentesco aos reformadores”, por elas terem desenvolvido uma espiritualidade e entenderem sobre o evangelho, tendo mais oportunidades de receberem panfletos da Reforma.

Katharina e outras oito companheiras religiosas fugiram do convento para Wittenberg, cidade onde Lutero morava, e buscaram viver como as outras mulheres, com um marido e uma família, mesmo com todas as dificuldades, já que na época poucas ex-freiras sobreviviam fora do convento a não ser com prostituição. Ainda assim, Katharina não pretendia ser só mais uma mulher típica da época, ela não queria que escolhessem seu marido e decidiu por conta própria. ■

A ex-freira que se casou

Determinada e persistente, Katharina escolheu Martinho Lutero para ser seu marido e construir uma família. No começo Lutero não tinha intenções no casamento com Kate, apelido como se referia a ela, mas depois cedeu à união. Na tarde de 13 de junho de 1525, eles ficaram noivos e se casaram no mesmo dia. Seus pensamentos estavam tão relacionados, que eles não só foram apoiadores da Reforma Religiosa, como compartilharam uma vida em conjunto.

“O casamento deles foi um ato simbólico que, na verdade, modificou muita coisa (...) Simbólico no sentido de marcar, uma atitude com repercussões”, conta Gerson.

O matrimônio foi visto como um ataque à igreja e foi considerado, até mesmo pelos próprios reformadores, como algo imprudente e precipitado. Rute explica que o ato matrimonial foi uma repulsão.

“Muitos foram contra o casamento, por diversos motivos. A época não se admitia que religiosos contraíssem matrimônio, era um escândalo. O fato de Lutero estar envolvido em uma batalha contra Roma e ser um herege proscrito, com a vida em constante perigo, também não recomendava um casamento. Havia ainda a diferença de idade: 16 anos.”

Mesmo com as críticas, a professora conta que o casamento serviu como fonte de inspiração para que outras pessoas ligadas à vida religiosa se casassem. **“Abriu precedentes, sem dúvida. Pastores luteranos começaram a se casar também, afinal: o que o chefe faz, é permitido a todos. Foi outra mudança corajosa que reforçou com a prática o ensino bíblico de que o ministro deve ser casado. E a experiência matrimonial de Lutero foi reconhecida por ele como uma relação bela, amável e desejável.”**

Visto como um paradigma, o casamento durou até a morte do reformador, em 1546. Eduardo relata que a união, mais do que matrimonial, foi um aprendizado. “Os dois proporcionaram, em sua vida, um modelo de ‘família pastoral’, e, em sua casa, de ‘casa pastoral’ - mas tiveram de aprender a criar esse modelo com tentativa e erro, e, às vezes, com dificuldades. Muitas das questões com que eles tiveram de lidar nunca haviam sido enfrentadas antes.”

A presença feminina

Por ser ex-freira, Katharina von Bora possuía uma boa base teológica e teve uma contribuição efetiva para tudo o que Lutero fez na Reforma. Apesar de não ter impactado diretamente nos atos do movimento, sua colaboração é claramente visível. Administrou sozinha o mosteiro agostiniano, dado como presente de casamento ao casal pelo Príncipe Eleitor da Saxônia, e fez do local uma reconhecida pousada. Um lugar de suporte para a demanda de reuniões, encontros e cursos com Lutero.

Katharina era tão bem vista, que os habitantes de Wittenberg a chamavam de Luterina, uma homenagem a uma versão feminina de Lutero. “Ela cuidou da infraestrutura do movimento nascente em Wittenberg – e foi a pessoa mais importante a ajudar Lutero a controlar o seu difícil temperamento e a se tornar uma pessoa melhor, como gente”, relata Eduardo.

Não há dúvidas que a personalidade dela foi de grande favorecimento no movimento protestante e pesquisadores identificam isto. “Mesmo com um papel de base e suporte de Lutero, isso não significa um papel secundário. Muito pelo contrário, significa como alguém que participou muito (...) Uma pessoa para ficar ao lado de Lutero deveria ser inspiradora e ela deveria ser exatamente isso”, complementa Gerson.

Naquela época, as mulheres estavam destinadas ao fuso e à roca e era inexistente o conceito de “direitos femininos”. Rute explica que a procedimento da Reforma fez com que o campo de atuação feminina se ampliasse. “As mulheres, pós-Reforma, podiam cultivar a

Deus e até mesmo cantar nas igrejas, como incentivou Calvino. Outrora mudas, agora oravam, cantavam, diziam “Amém” e liam as escrituras, incentivando outras mulheres. Elas pertenciam ao sacerdócio universal e podiam contar a Deus seus problemas, sem a intermediação de sacerdotes. Sem dúvida, a Reforma foi um avanço em relação à participação feminina no culto da Igreja.”

Reconhecida como a primeira-dama da Reforma, Katharina não é vista como uma líder do feminismo, mas com certeza impactou para os direitos e espaço das mulheres na sociedade. “Foi um fantástico exemplo que mostrou o que as mulheres são capazes de fazer quando têm projeto de vida e espaço de vida – não sendo artificialmente barradas pelos homens (em especial por seus maridos)”, ressalta Eduardo.

Gerson conclui destacando a importância das mulheres, que assim como Katharina, marcaram a história. “Toda mulher corajosa na história deixou um legado para que as mulheres, hoje, pudessem exatamente buscar o seu espaço. É lógico que não dá para colocar Katharina von Bora como uma líder de um feminismo no século XVI, mas ela é uma mulher importante, que ocupou um espaço importante... E isso foi exatamente mostrando como essa postura machista, ao longo do tempo, precisava ser diminuída. Afinal de contas, não só os homens fazem história, não só os heróis fazem história... as mulheres fazem história, os excluídos fazem história, mas a gente só começou a enxergar isso do século XX para cá”, finaliza o especialista.

Entrevista com Eduardo Chaves

Como surgiu seu interesse em estudar a vida de Katharina von Bora?

EC: Sou professor de História da Igreja e de História das Ideias (entre as quais aquelas que constituem o chamado “Pensamento Cristão”). Como tal, tenho estudado a vida e as ideias de personagens importantes na vida da Igreja, em maioria absoluta, homens. Em 2017, por causa da comemoração dos 500 anos da Reforma Religiosa Luterana, dediquei-me a estudar os principais personagens desse período histórico (1517-1648). As grandes lideranças cristãs até aquele ponto haviam sido padres, bispos e monges, todos eles comprometidos com o voto de celibato: não podiam se casar. Foi na Reforma Luterana que o celibato dos padres e monges (bem com das freiras e monjas) foi, pela primeira vez, em muito tempo, sistematicamente criticado, sendo declarado não bíblico e desumano. Assim, a partir da Reforma Luterana permitiu-se às novas lideranças do movimento, quase todos eles monges e padres, que se casassem – permissão também estendida às monjas e freiras que aderissem ao movimento reformador. Depois de alguma hesitação (resultante, aparentemente, de receio de ser acusado de combater a Igreja Católica apenas para poder se casar), Lutero decidiu se casar com Katharina von Bora em 13 de junho de 1525 (dia de Santo Antonio, considerado o “santo casamenteiro”). Assim surgiu o meu interesse em Katharina von Bora, que havia vivido em convento desde os cinco anos.

Como analisa a revolução religiosa que sacudia a Europa há 500 anos?

EC: É difícil analisar um movimento

REPRODUÇÃO

tão amplo e diversificado em poucas linhas. Pelo menos desde que a Igreja Cristã se tornou, primeiro, igreja lícita e favorita do Império Romano, e, depois, a Igreja única e oficial do Império Romano, através de atos dos imperadores Constantino, em 313, e Teodósio, em 381, vindo, de certo modo, a substituir o Império Romano depois que este terminou no Ocidente (476). A Igreja Cristã Latina (Romana) vinha sendo criticada por sua riqueza, seu luxo, sua ostentação, sua atuação secular (fora da área religiosa), seu poder político, sua ambição financeira e, principalmente, sua falta de piedade e de moralidade. Vários movimentos reformadores surgiram na Idade Média. O próprio movimento monástico (com as ordens beneditina, agostiniana, franciscana, cisterciense, dominicana etc.) é evidência de interesse em reformar a Igreja. Mas, a partir dos séculos 15 e 16 uma série de fatores criaram um clima propício para reformas na área religiosa: a queda de Constantinopla (sede da Igreja Oriental dita Grega, porque falava essa língua) nas mãos dos turcos em 1453, a invenção da imprensa por volta de 1455, com a consequente disseminação e popularização de livros impressos (o primeiro produto de massa no Ocidente), o Renascimento com a “ressurreição” de ideias da antiguidade clássica (grego-romana), o interesse na educação, as aventuras marítimas e os novos descobrimentos etc. Assim, surgiram, no século 16, importantes focos de reforma: na Alemanha, com Lutero (em Wittenberg), na Suíça, primeiro com Ulrico Zúinglio (em Zurique), e depois com João Calvino (em Genebra), em cidades com tradição independente, como Estrasburgo e Basileia (na região do Rio Reno), na Inglaterra, na Morávia (com os Irmãos Moravianos), em outros lugares com propostas até mais radicais do que as de Lutero. Isso acabou por sacudir a Igreja Católica e, no devido tempo, por dividir a chamada Cristandade na Europa Central e vizinhanças. Iniciada em 1517, com as 95 Teses de Lutero, a

Reforma Religiosa que se espalhou pela Europa Central e mesmo além teve seu “fim oficial” em 1648, com a chamada Paz de Westfália, que encerrou a Guerra dos Trinta Anos. Lutero iniciou o processo, mas foi o líder apenas da Reforma Alemã, hoje chamada de Luterana. A Igreja Cristã Ocidental foi dividida, mas as igrejas fruto da reforma não foram uma ameaça séria para a continuidade do Cristianismo – muito pelo contrário. A grande ameaça para o Cristianismo (Católico e Protestante) veio com o Iluminismo, no século 18 – mas essa é outra história...

Na época da Reforma, mulheres se envolveram em debates teológicos e algumas se tornaram pregadoras da “nova fé”. Em qual lado Katharina se destacou?

EC: O mundo do século 16 era ainda um mundo de homens – e continuou assim por muito tempo. Mesmo na Suíça, em que protestantes tinham uma presença significativa, as mulheres só ganharam o direito a voto em 1971 – menos de cinquenta anos atrás (o cantão de Appenzell Innerrhoden só aceitou o resultado do referendo em 1991). Assim, embora houvesse aqui e ali uma ou outra mulher que alcançasse destaque, isso raramente se deu na área doutrinária-teológica ou no púlpito. Mesmo com Katharina von Bora, não foi nessas áreas que ela se destacou. Na verdade, ela não tinha muito interesse nas sutilezas das controvérsias teológicas que empolgavam seu marido nem há evidência de que ela tenha jamais pregado “a nova fé”. Alguns historiadores até chegam a afirmar que ela era apenas uma “luterana nominal”. Seus destaques foram basicamente dois: primeiro, na área de organização e gestão da infraestrutura administrativa e financeira do novo movimento religioso liderado, na Alemanha, por seu marido; segundo, na influência sobre seu marido para que ele se tornasse menos irredutível, menos estourado, menos briguento, menos intolerante – porque ele era tudo isso. Segundo muitos autores, sem a influência calma, cordata, paciente, cortês,

acolhedora de Katharina von Bora, a nascente Reforma Luterana poderia ter implodido antes de completar quinze anos. O fato de o mundo do século 16 ainda ser um mundo de homens dá maior realce à contribuição de Katharina von Bora para a Reforma Luterana (embora não em áreas teológicas e no púlpito).

Como enxerga o fato de Katharina ter sido freira e ter largado o convento para seguir suas vontades?

EC: As pessoas fazem mudanças em suas vidas, às vezes dando guinadas radicais na direção em que vinham vivendo, quando ficam insatisfeitas com a vida que têm e com as perspectivas dessa vida. Creio que foi isso que aconteceu com Katharina von Bora. Até os vinte e poucos anos ela tinha tido “donos” o tempo todo: primeiro, seu pai; depois, as mães superiores dos dois conventos em que viveu (em um, como menina; no outro, como adolescente e moça). Descontente com esse fato, Katharina resolveu fazer alguma coisa para ter uma vida própria. Leu sobre a Reforma que Lutero estava promovendo em Wittenberg, escreveu para ele, e ganhou sua liberdade. Mas a coisa não parou aí. A partir daí resolveu se casar (poucas mulheres na Alemanha do século 16 sobreviviam fora do convento e fora do casamento a não ser como prostitutas). Isso lhe colocou um outro desafio: como viver a dois, em família, com o marido e os filhos que certamente viriam, sem perder a liberdade recém adquirida, sem simplesmente “mudar de dono”, passando a ser propriedade do marido. Estou convicto de que Katharina von Bora conseguiu manter seu espírito livre, sua vontade forte, sua iniciativa, sua proatividade, e perseguir seus próprios interesses, apesar de estar casada com um homem como Lutero. Este, convenhamos, não era um homem fácil, nem mesmo um parceiro fácil (os seus colegas reformadores que o digam). Isso, é bom que se ressalve, no contexto do século 16. Katharina von Bora não era uma feminista radical: ela era uma

pessoa que amava a liberdade, mas que queria “ser livre a dois”, ter uma família, filhos etc., com tudo que isso implica.

Após se casar com Martinho Lutero, Katharina não se envolveu diretamente no debate teológico da Reforma, mas seu pragmatismo, seu tino comercial e sua capacidade administrativa influenciaram seu marido. Como foi sua importância no movimento protestante?

EC: Essa pergunta já foi em parte respondida. A contribuição dela foi essencial para a Reforma Luterana (especificamente – ela não atuou na reforma fora de Wittenberg, a sede da Reforma Luterana). Como já mencionei, há vários autores que estão convictos de que, dada a personalidade de Lutero, e dada a sua falta de interesse em questões relativas a processos de organização e gestão, a Reforma Luterana não teria saído da estaca zero sem Katharina von Bora, ou, se tivesse, teria implodido muito rapidamente.

Katharina foi uma mulher com grande identificação com as convicções reformistas de Lutero. Isso fez com que ela fosse vista com ideias à frente de seu tempo?

EC: Como já disse, Katharina von Bora, apesar de extremamente inteligente, era de uma inteligência eminentemente prática, não tendo muito interesse em sutilezas doutrinárias e teológicas. Ela era uma mulher à frente de seu tempo por querer ser livre e ter uma vida de sua própria escolha. E ela queria, também, se casar, ter uma família, criar e educar seus filhos. É importante que se diga isso. Simplesmente envolver-se com questões de organização e gestão era algo que ela poderia ter feito permanecendo dentro do convento. Sua tia era madre superiora, sua família era relativamente rica e influente, e ela poderia ter se tornado madre superiora de seu convento ou mesmo a principal dirigente de

sua ordem. Mas não era só isso que ela queria. Ela queria também compatibilizar esse tipo de vida com uma vida em família. E teve a coragem e a determinação de ir atrás do que queria – e a capacidade e a competência de alcançar os seus objetivos. Felizmente, ninguém a “patrulhou” naquela época, negando-lhe o direito de ter sua família por ter escolhido também objetivos profissionais.

Há teólogos que afirmam que o matrimônio de Lutero e Katharina foi fundamental para consolidar o casamento de, e mesmo entre, líderes religiosos, já que a Igreja Católica não permitia que clérigos se casassem. O senhor concorda com esse posicionamento?

EC: Sem dúvida, concordo. Mas o casamento de Martinho e Katharina foi além disso. Os dois proporcionaram, em sua vida, um modelo de “família pastoral”, e, em sua casa, de “casa pastoral” – mas tiveram de aprender a criar esse modelo com tentativa e erro, e, às vezes, com dificuldades. Muitas das questões com que eles tiveram de lidar nunca haviam sido enfrentadas antes. Mulheres que se casam com pastores ainda enfrentam esses desafios até hoje, o maior dos quais sendo o de preservar uma vida própria (no plano profissional ou pessoal), uma vida que possam chamar de sua, que as realize, mesmo vivendo ao lado de alguém que possivelmente seja, na comunidade restrita em que convivem, a principal pessoa. Indo além, eu diria que, hoje, maridos de pastoras que não são, eles próprios, também pastores, enfrentam problema semelhante, embora não fora da igreja (onde em geral têm uma vida profissional como qualquer outro marido), mas, sim, dentro da comunidade formada pela igreja local, em que terão de aprender, de certo modo, a tocar “segundo violino”...

O principal papel de Katharina era administrar as finanças e os bens da família. No

entanto, ela era ativa nas reuniões sobre o movimento e recebia personalidades políticas. Atitudes como essa foram importantes para que futuramente a mulher ganhasse mais direitos?

EC: Ela administrava a “pousada” (que era o principal “bem de família”) e organizava os eventos ali realizados (inúmeros e constantes) do ponto de vista, digamos, da “hotelaria” e da infraestrutura. Não há evidência de que ela fosse ativa nas reuniões sobre o movimento reformador ou mesmo nas discussões de seu marido com outros líderes religiosos. Na minha forma de entender, ela não se via como uma líder feminista tentando promover direitos das mulheres. Ela estava interessada em viver a vida dela, fazendo o que fosse preciso para ter sucesso nesse mister. Foi um fantástico exemplo que mostrou o que as mulheres são capazes de fazer quando têm projeto de vida e espaço de vida – não sendo artificialmente barradas pelos homens (em especial por seus maridos).

Lutero contrariou as regras católicas até o fim de sua vida e deixou toda sua herança para a esposa. No século XVI, a Igreja exigia que pelo menos um dos herdeiros fosse homem. O que o senhor pensa sobre isso?

EC: As únicas heranças materiais que Lutero deixou para a família foram (a) sua parte na casa que ambos haviam ganho do Príncipe como presente de casamento e (b) os direitos autorais sobre seus livros. Estes, porém, infelizmente, não eram algo que as pessoas sabiam explorar competentemente no século que se seguiu à invenção da imprensa. “Propriedade Intelectual”, “Direitos Autorais”, “Direitos de Cópia” etc. não eram conceitos bem firmados naquela época. Além disso, a Alemanha era um país em guerra no século 16. Depois da morte de Lutero, em especial, muitas vezes Katharina von Bora teve de pagar seus



“

“Katharina von Bora conseguiu manter seu espírito livre, sua vontade forte, sua iniciativa, sua proatividade, e perseguir seus próprios interesses, apesar de estar casada com um homem como Lutero.”

Eduardo Chaves

filhos e abandonar sua casa para não se tornar vítima dos conflitos religiosos (ou outros) que proliferavam na Alemanha do século 16. Quando voltava (e ela sempre voltava), muita coisa havia sido roubada e mesmo o prédio, as hortas etc. estavam parcialmente destruídos, fazendo com que Katharina tivesse de começar tudo de novo, quase sozinha, porque os filhos ainda eram relativamente pequenos e os ex-assistentes de Lutero tinham outras tarefas. Do ponto de vista material e financeiro, portanto, Lutero não deixou uma herança significativa. Esta deve ser buscada no fato de que, apesar de ele ser um homem meio toso, em termos de afeição e de relacionamentos interpessoais, e de, além disso, não ter muito tempo livre, sempre procurou participar da educação dos filhos, inventou-lhes histórias baseadas em princípios morais, deu-lhes amor, carinho e a atenção que foi possível, dentro de sua agenda extremamente ocupada. Quando uma de suas filhas morreu, ainda pequena, Lutero ficou extremamente abalado – embora, naquela época, criança pequena morrer, dadas as condições sanitárias, a relativa pobreza, as doenças, as guerras etc., fosse um evento razoavelmente corriqueiro.

No livro A Primeira-Dama da Reforma: a Extraordinária Vida de Katharina von Bora, a escritora Ruth Tucker expõe que “Katharina von Bora foi a pessoa mais importante da Reforma Protestante depois de Lutero”. Você concorda com a citação?

EC: Na Reforma Protestante, não concordo. Na Reforma Luterana, ressalvados os aspectos doutrinários e teológicos nos quais ela não se envolveu (e em que, depois de Lutero, Melanchthon certamente foi mais importante do que ela), talvez se possa dizer que sim. Ela cuidou da infraestrutura do movimento nascente em Wittenberg – e foi a pessoa mais importante a ajudar Lutero a controlar o seu difícil temperamento e a se tornar uma pessoa melhor, como gente. Alguém já disse que se Lutero tivesse se casado com alguém

como Idelete Calvino (a mulher de Calvino), provavelmente a Reforma Luterana não teria ido muito longe. Uma colaboração desse tipo não tem preço – e ninguém, além dela, estava em posição de dar essa contribuição para Lutero.

O senhor pode indicar livros para quem se interesse em se aprofundar mais sobre a história de Katharina e Martinho Lutero?

EC: Além do livro que você já mencionou, de Ruth Tucker, escrito em Inglês e traduzido para o Português, e que é um livro bom e gostoso de ler, há inúmeros outros, muito bons e interessantes – embora muito poucos, que eu saiba, em Português. Na verdade, sei de apenas mais uma biografia de Katharina von Bora em Português: Katharina Von Bora - uma Biografia, de Heloisa Gralow Dalferth (Editora Otto Kuhr, 2017). Mas há vários artigos sobre ela e sobre o casal Katharina-Martinho, em especial em sites luteranos. Eu, que estudei em seminário luterano e em seminários calvinistas, fico contente de ver a atenção que está sendo dada a Katharina von Bora por denominações não luteranas. Muitas mulheres, até mesmo bastante jovens, têm encontrado nela importante fonte de inspiração. ■

Em paz com as finanças

Veja alguns princípios para solucionar problemas de orçamento, organizar a vida financeira e permitir a adoção de bons hábitos:

1º) TRABALHO “E, quando Deus concede riquezas e bens a alguém, e o capacita a desfrutá-los, a aceitar a sua sorte e a ser feliz em seu trabalho, isso é um presente de Deus” (Eclesiastes 5:19). O princípio básico é a nossa parte, ou seja, o nosso trabalho. Deus está sempre nos orientando para que trabalhemos e com o fruto do nosso trabalho conquistemos boas coisas e também para que tenhamos saúde financeira.

Muitos tratam o trabalho como um castigo divino pelo o pecado cometido por Adão. O texto de Gênesis 3:17 diz que após a queda Adão teve que trabalhar, com o suor do seu rosto, para adquirir o seu sustento. Entretanto Adão já trabalhava antes desse acontecimento, e mais: trabalhava por determinação de Deus, conforme está escrito em Gênesis 2:15: “O Senhor Deus colocou o homem no jardim para cuidar dele e cultivá-lo”.

Foi Deus que criou o trabalho e o desejo Dele é que você tenha prazer em suas atividades. Então, trabalhe com prazer. acredite no seu trabalho e o faça com fé, pois, sem fé, é impossível realizar algo de valor.

2º) RESPONSABILIDADE Muitas pessoas acham normal usufruírem da maior parte do salário no início do mês. Quando Deus diz para você não se preocupar com o amanhã, Ele não está dizendo para você viver irresponsavelmente como se o amanhã não existisse. O que está ensinando é para não andar ansioso, porque a

ansiedade destrói o hoje e impede que você se prepare para o amanhã.

Ao longo da Bíblia vemos Deus dando ensinamentos para que nos preparemos para o dia mal. No livro de Provérbios capítulo 6 vemos uma orientação sendo dada por meio do exemplo das formigas: “Observe a formiga... armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento” (vv 6,8). As formigas se preparam no verão, coletam todo o mantimento possível para que durante o inverno não falte. Conosco também acontece assim. Haverá um tempo em que mesmo querendo, não poderemos produzir, seja por falta de saúde, ou por falta de idade e até desemprego. Na história de José, vemos que mesmo no momento da seca o Egito continuou prosperando, porque no momento de fartura José soube ser prudente. Assim acontece com a nossa vida se, porventura, o dia ruim vier, você estará preparado para continuar até que o dia ruim passe.

Mas o nosso preparo não precisa ser somente porque dias ruins podem chegar. Nós temos sonhos e projetos, como a realização de uma faculdade, a compra de uma casa, enfim, tudo isso nos chama à responsabilidade, faz com que nos preparemos hoje para o amanhã. Seja responsável, diligente e prudente, assim você construirá seus sonhos com segurança e os viverá com toda a liberdade.

3º FAMÍLIA Leia Provérbios 13.22; 14.1; 22.6. Você verá que os textos nos ensinam que todos podem e devem participar. É preciso que a real situação financeira da família seja compartilhada entre todos os que fazem parte dela. Por meio desse compartilhamento será possível ensinar os filhos a valorizar o que foi conquistado, a poupar, a se planejar. Por meio do compartilhamento dos sonhos será possível ter ideias para

que estratégias sejam traçadas. Reúna a sua família, entenda as necessidades de cada um, façam juntos o planejamento, distribuam tarefas e caminhem juntos na mesma direção.

4º SABEDORIA “Na casa do sábio há comida e azeite armazenados, mas o tolo devora tudo o que pode”. (Provérbios 21:20). Entenda o que é realmente importante para a sua vida e se planeje e então você no futuro viverá realmente o seu sonho e não pesadelo. Qualquer processo sério de educação financeira exige um melhor conhecimento de si. É necessário saber quais são seus princípios, valores, prioridades e sonhos para organizar a sua vida financeira. Afinal, isso vai determinar o seu planejamento financeiro.

Você deve gastar o seu dinheiro naquilo que é prioridade, naquilo que você valoriza. “Porque onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mateus 6:21). Analise seu extrato bancário e veja se ele é conivente com valores dignos. Veja se você gasta com o que realmente importa. É muito comum encontrar pessoas que negam seus valores por não conhecê-los claramente ou por desejos de consumo temporários. Poucas coisas testam mais profundamente a espiritualidade de uma pessoa do que a maneira como ela usa o dinheiro.

A Bíblia nos apresenta insumos para termos uma vida financeira plena. Para tal, é necessário conhecermos o plano de Deus para as nossas finanças. ■



REV.ª DENISE COUTINHO GOMES
Pastora auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

Espaço Criança

A colorful illustration of two children. On the left is a boy with a round head, wearing a blue shirt and yellow shorts, with his arms raised. On the right is a girl with a ponytail, wearing a yellow and blue striped dress, also with her arms raised. The text 'Espaço Criança' is written in large, colorful, rounded letters, with the boy and girl positioned around the word 'Espaço'.

ESPAÇO CRIANÇA,

novo projeto social da **Fundação Francisca Franco**, é referência para o desenvolvimento de ações socioeducativas com crianças em situação de vulnerabilidade e de famílias carentes, e acontece aqui no centro de São Paulo. Conta com o apoio da **Fundação Mary Harriet Speers**. Conheça mais sobre as realizações deste projeto em: www.franciscafranco.org.br

Realização

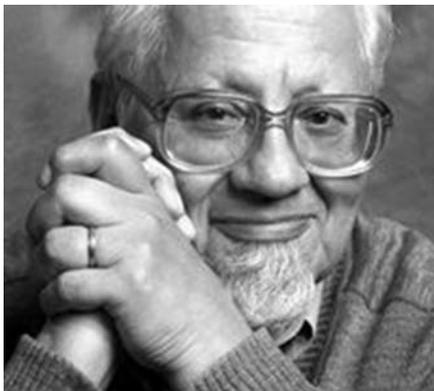


Fundação
Francisca Franco
www.franciscafranco.org.br

Apoio



Fundação
Mary Harriet Speers
Multiplicando recursos para transformar vidas.



REPRODUÇÃO

MINHA HISTÓRIA COM A MISSÃO INTEGRAL

Texto **Rev. Dr. C. René Padilla** | Abertura **Ricardo Bitun*** | Tradução **Pres. Italo F. Curcio**

TEÓLOGO EQUATORIANO ESCREVE COM EXCLUSIVIDADE

PARA A VISÃO. CONFIRA O TEXTO NA ÍNTEGRA.

Ouvi falar de C. René Padilla quando ainda cursava o seminário em São Paulo. Mais do que depressa busquei adquirir o livro intitulado *O que é Missão Integral*. Ao mesmo tempo que lia seu trabalho buscava, a princípio, compreender qual era exatamente sua proposta, mais do que sua teologia.

Com o aprofundamento dos estudos tanto em teologia como em ciências sociais, aliado à experiência do ministério, a visão da TMI foi ganhando corpo, musculatura e vida, principalmente vida. Ao conhecer Padilla, fi-

cou clara a missão encarnacional que dominou a vida e o ministério deste humilde teólogo equatoriano.

Para aqueles que ainda não conhecem sua obra *O que é Missão Integral*, sugiro sua própria definição: “uma coletânea de escritos de trincheira, que surgiram em resposta às exigências do momento”. ■

Ricardo Bitun* é pastor sênior da Igreja Manaim e um mobilizador prol a relevância da igreja diante do pluralismo da sociedade. É bacharel em Teologia e Ciências Sociais, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

incluindo vários comentários. O tema central da minha tese de doutorado foi a relação entre o mundo e a Igreja nas cartas do apóstolo Paulo. Escolhi este tema sobretudo porque queria entender a dimensão social e política do Evangelho.

Por vinte e dois anos fiz parte da equipe de obreiros latino-americanos, da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (CIEE), movimento no qual iniciei minha participação em julho de 1959, pouco tempo depois do término de meu Mestrado, no Wheaton College Graduate School.

Politicamente, na América Latina, foram tempos turbulentos, e a turbulência era percebida especialmente nas universidades de todo nosso continente.

No início deste mesmo ano, o ditador Fulgêncio Batista foi destituído em Cuba e Fidel Castro, vitorioso, havia tomado a cidade de Havana. A Revolução Cubana tinha triunfado!

Um dos resultados deste acontecimento histórico foi a difusão da febre do Marxismo como a ideologia que, supostamente, possibilitaria a libertação dos países latino-americanos do jugo de opressão socioeconômica e política, na qual estavam submetidos.

Um dos sintomas desta febre se manifestava nas perguntas que muitos dos estudantes universitários nos faziam. Estudantes estes, com os quais os obreiros da CIEE entravam em contato, no contexto de nosso ministério.

Na essência, eram a mesma pergunta de “colorido marxista”, que o professor de Filosofia, em meu último ano do Ensino Médio, no Colégio Mejia, me fez publicamente na sala de aula: “O que dizem os protestantes acerca do problema da injustiça que acomete nossos países, os quais, por quase quinhentos anos, professaram oficialmente o Cristianismo, trazido pelos conquistadores espanhóis e portugueses?”

Esta pergunta suscitou em mim uma profunda inquietação com relação ao significado de minha fé

cristã, frente à ideologia marxista, com sua ênfase na justiça e na igualdade social. Fé esta, que me foi transmitida pelos meus pais, desde minha infância.

Embora meus estudos em Wheaton não me houvessem dado uma resposta a esta minha constante pergunta, me deram ferramentas – especialmente os idiomas bíblicos – para poder explorar um ensino bíblico relevante para o assunto. O estudo das Escrituras resultou em termos que são claramente resumidos em textos como os mencionados adiante.

Para citar alguns exemplos, destaco primeiramente o dos Salmos e depois o dos profetas:

“Mas tu, ó Deus, vês e percebes o sofrimento e a tristeza e sempre estás pronto para ajudar. Os que não podem se defender confiam em ti; tu sempre tens socorrido os necessitados” (Sl. 10:14)

“Porque o SENHOR é justo, Ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face” (Sl. 11:7)

“... SENHOR, quem contigo se assemelha? Pois livras o aflito daquele que é demais forte para ele, o mísero e o necessitado, dos seus extorsionários” (Sl. 35:10)

“Porque ele acode ao necessitado que clama e também ao aflito e ao desvalido. Ele tem piedade do fraco e do necessitado e salva a alma aos indigentes” (Sl. 72:12-13)

Defendam os direitos dos pobres e dos órfãos; sejam justos com os aflitos e os necessitados. Socorram os humildes e os pobres e os salvem do poder dos maus” (Sl. 82: 3-4)

“Ó SENHOR Deus, eu sei que tu defendes o direito dos pobres e a causa dos necessitados” (Sl. 140:12)

“A justiça trará paz e tranquilidade, trará segurança que durará para sempre” (Is. 32:17)

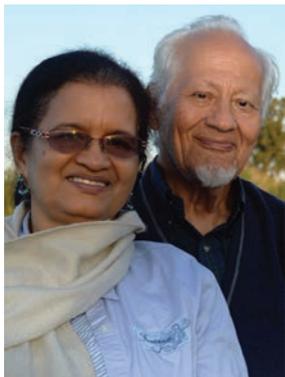
“O SENHOR já nos mostrou o que é bom, ele já disse o que exige de nós. O que ele quer é que façamos o que é direito, que amemos uns aos outros com dedicação e que vivamos em humilde obediência ao nosso Deus” (Mq. 6:8)

Entre os muitos privilégios que Deus, por sua graça, me concedeu ao longo dos anos, destaca-se o privilégio de ter nascido em um lar cristão muito pobre e ter recebido uma educação de muito bom nível acadêmico. Cursei o Ensino Médio no Colegio Mejia, em Quito, no Equador, minha cidade natal. Na época, era considerada a melhor escola secular do país.

Assim que terminei o Ensino Médio, em 1953, viajei aos Estados Unidos para estudar no Wheaton College e mais tarde na Wheaton College Graduate School. Retornei para a América Latina depois de seis anos, não só com um diploma de Bacharel em Filosofia e um Mestrado em Teologia, mas também com bom domínio da língua inglesa. Isso me permitiria nos anos seguintes proferir Conferências, ministrar cursos e escrever artigos e livros não apenas na minha língua materna, como também em um idioma cujo conhecimento, a duras penas, me permitia comunicar quando viajei aos Estados Unidos pela primeira vez, durante quatro anos.

Depois de me graduar no Wheaton, já casado com Catalina Feser, e com duas filhas, viajei à Inglaterra para estudar na Universidade de Manchester, voltando à América Latina, em 1965, com um doutorado em Ciências Bíblicas, com ênfase no Novo Testamento. Meu orientador da tese foi o professor F. F. Bruce, mundialmente famoso por seus muitos livros de erudição bíblica,

ARQUIVO PESSOAL



AO LADO DA ESPOSA

Dr. René Padilla ao lado da esposa Catalina Feser.

É indiscutível que o compromisso ético expresso no Antigo Testamento quanto à prática de justiça e compaixão (ou solidariedade) para com os setores mais vulneráveis da sociedade se tornou carne na pessoa e no ensinamento de Jesus Cristo. Esta é uma das ênfases centrais dos quatro Evangelhos (especialmente Lucas), que dedicam grande parte de seu conteúdo à narrativa do ministério de Jesus na Galileia, a mais pobre província da Palestina de sua época. Por meio deste ministério, a presença do Reino de Deus era historicamente visível, e isso esclarece o significado de seu anúncio no início de seu ministério: “O tempo foi cumprido. O Reino de Deus [cujo advento os profetas do Antigo Testamento anunciaram] está próximo. Arrependa-se e cria nas boas novas.

Em poucas palavras, o chamado para a missão integral é essencialmente o chamado para prolongar o ministério de Jesus Cristo ao longo da história até o final dos tempos. Isto fica claro na descrição de João acerca

da grande missão que Jesus deixou aos seus discípulos: “... Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo. 20: 21).

DE ACORDO COM ESTA PALAVRA DE JESUS, NÃO PODEMOS REDUZIR A MISSÃO DA IGREJA À MERA PROCLAMAÇÃO VERBAL DO EVANGELHO. O CHAMADO QUE ELE NOS FAZ, COMO SEUS SEGUIDORES, É ACOMPANHAR ESSA PROCLAMAÇÃO:

■ **Com um estilo de vida consistente com o Evangelho.**

■ **Com boas obras, visíveis, pois, embora não sejamos salvos pelas nossas obras, e sim pela graça de Deus, que recebemos por meio da fé, nós somos feita de Ele, criados em Cristo Jesus para boas obras – “... e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feita de Ele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef. 2: 8 – 10).**

O principal interesse dos que estão comprometidos com a Missão Integral não é meramente acadêmico. Não nos dedicamos a desenvolver um sistema teológico acadêmico. Nosso interesse está na prática da missão, levando a sério a Grande Missão (Mt 28,18-20), que não é orientada para fazer teologia como tal, mas para fazer discípulos de Jesus Cristo que aprendem a obedecer a tudo o que Ele ensinou aos seus doze escolhidos em seu tempo, que é resumido no mandamento de amar a Deus de todo o seu coração e ao próximo como a si mesmo. Pessoas que pensam que nos restringimos ao mundo acadêmico precisam ser informados sobre o modo pelo

qual o ensino sobre a Missão Integral está florescendo em todas as regiões da Terra, especialmente em grandes grupos, inclusive na América Latina. Para comprová-lo, basta procurar publicações na Internet sobre o que Deus está fazendo ao redor do mundo por meio de igrejas envolvidas na Rede (ou desafio) Miquéias e, particularmente, através de igrejas ligadas à [Missão] Aleph, especialmente no nordeste brasileiro.

A Missão Integral não se origina em uma ideologia esquerdista. Não procura a formação de uma sociedade onde a igualdade e a justiça reinem como Deus quer que a sociedade seja, mas sem Deus. A Missão Integral anseia por uma sociedade onde reina a justiça que emana de Deus, uma sociedade em que todos, igualmente, sem distinção de raça, classe social ou sexo, têm acesso aos bens da criação para cobrir suas necessidades humanas básicas. Para essas necessidades, várias passagens bíblicas são explicitamente referidas tanto no Antigo Testamento (ver, por exemplo, Is 58: 7-9) como no Novo Testamento (ver, por exemplo, Mt 25: 31-46).

Satisfazer tais necessidades é um direito humano – um direito de todo ser humano, sem exceção – que, como tal, não deve ser violado. Isso é reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pelas Nações Unidas em 1948.

Encontro muita dificuldade para definir com precisão as mudanças socioeconômicas e políticas que ocorriam no mundo quando da articulação da teologia e prática da Missão Integral, a partir da década de 1960, e durante as décadas de 1970 e 1980, inicialmente na América Latina e depois, em outras partes do mundo. O limite de espaço [aqui nesta entrevista] não nos permite analisar tais mudanças, por isso, sintetizarei nossa reflexão em círculos evangélicos sobre a missão da Igreja nos diferentes contextos históricos.

Vários deles se deram desde o início da “Fraternidade

Teológica Latino-americana” (Cochabamba, Bolívia, em novembro de 1970) e posteriormente, com muito mais força, por todo o mundo, graças ao impulso dado pela “Lausanne I” (Suíça, agosto 1974), depois a “Rede (hoje Desafio) Miqueias”, a partir de seu início em 2001, e de maneira bem mais elaborada, “Lausanne III” (outubro de 2010). De todos os documentos resultantes desses conclaves evangélicos internacionais, o que merece destaque, e por várias razões, é o Compromisso da Cidade do Cabo.

DENTRE TODAS ESTAS RAZÕES, DUAS SE DESTACAM:

1. Trata-se de uma ampliação de dois documentos emitidos por duas conferências globais evangélicas, que deram seu apoio à Missão Integral.

■ **Primeiro, o Pacto de Lausanne, realizado em “Lausanne I” (agosto de 1974), com ênfase especialmente no parágrafo 5, segundo o qual, porque “Deus é tanto o Criador como o Juiz de todos os homens... devemos compartilhar a preocupação pela justiça e a reconciliação na sociedade, e pela libertação dos homens de toda forma de opressão... a evangelização e a ação social e política são parte de nosso dever como cristãos. Ambas são expressões necessárias de nossa doutrina de Deus e do homem, do nosso amor ao próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo.”**

■ **Segundo, a Declaração de Miqueias sobre a Missão Integral, que surgiu na reunião inaugural da “Rede Miqueias”, ocorrida em Oxford, Inglaterra, no mês de setembro de 2001. Não é exagero afirmar que o Compromisso da Cidade do Cabo é uma elaboração pormenorizada da definição da Missão Integral, que é parte do documento que surgiu da Rede Miqueias, segundo a qual “A Missão Integral ou Transformação Holística e a proclamação [do Evangelho] e o compromisso social devem ocorrer conjuntamente. Com isto, na Missão Integral a proclamação [do Evangelho] tem consequências sociais quando chamamos as pessoas ao arrependimento e ao amor em todas as áreas da vida. E o nosso compromisso social tem consequências para a evangelização quando testemunhamos a Graça Transformadora de Jesus Cristo. Se ignorarmos o mundo, traímos a Palavra de Deus, a qual nos manda servir o mundo. Se ignorarmos a Palavra de Deus, não teremos o que oferecer ao mundo.”**

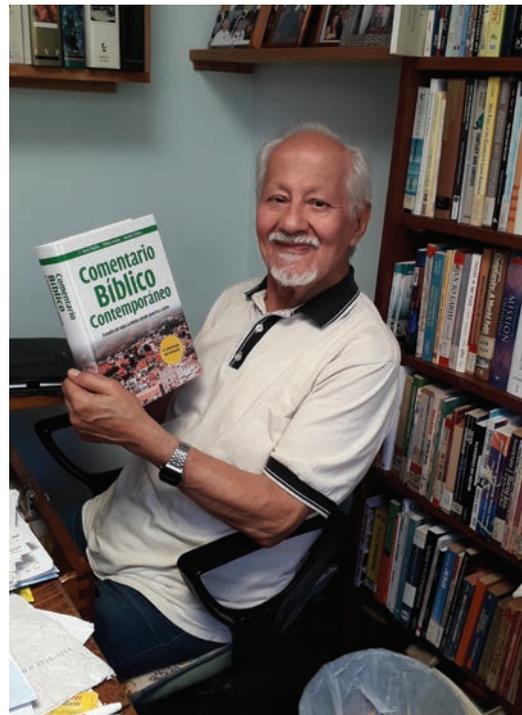
2. Foi redigido [um documento] antecipadamente por representantes do mundo evangélico, de diversos países, coordenados pelo Dr. Christopher Wright, missionário, teólogo, professor e escritor de alto reconhecimento mundial. No início da “Lousana III”, que ocorreu na Cidade do Cabo (Cape Town), África do Sul, em outubro de 2010, [este documento] foi submetido à consideração de todos os participantes no conclave mundial e aprovado por unanimidade pelo plenário.

Especialmente quando iniciamos a difusão da Teologia da Missão Integral na América Latina como um todo e, particularmente, no Brasil, encontramos muita oposição e resistência. Somente o fato de falarmos da necessidade de lutar por justiça e cuidado dos pobres já era motivo para sermos taxados de comunistas ou adeptos da “Teologia da Libertação”. Era muito triste constatar que muitas das críticas à nossa posição procediam de pessoas que, nesta sociedade na qual o deus-dinheiro governa o coração de muita gente, fazem do Cristianismo uma religião que oferece benefícios materiais e prosperidade econômica, deixando de lado o chamado do Evangelho

A Missão Integral não se origina em uma ideologia esquerdista. Não procura a formação de uma sociedade onde a igualdade e a justiça reinem como Deus quer que a sociedade seja, mas sem Deus.

Dr. C. René Padilla

ARQUIVO PESSOAL



EXEMPLAR NAS MÃOS

Como mencionado no artigo, Dr. C. René trabalhou por 12 anos como editor geral do “Comentário Bíblico Contemporâneo”.

a uma vida de compromisso com Deus e com o próximo.

Diferentemente, porém, existe hoje neste país, e em outros da América Latina, um crescente número de igrejas comprometidas com o conteúdo da missão integral da Igreja. A aceitação da abordagem deste conteúdo à missão cristã varia de lugar para lugar e de igreja para igreja, como também de denominação para denominação. Me alegra ver que em certos lugares, muitos destes, afetados pela desigualdade e pela pobreza esteja ocorrendo um crescente número de igrejas, muitas delas pentecostais, que veem com clareza a importância desta abordagem na missão de nosso Deus, inclusive, na esfera socioeconômica e política.

O tema dos princípios relativos à participação da Igreja na Política não pode ser resumido em poucas palavras. Em meu modo de ver, faz falta uma reflexão bíblica séria acerca do propósito de Deus para com a vida humana, tanto em nível pessoal, como comunitário, e para a criação como um todo. Um aspecto de suma importância, deste propósito, é a prática da justiça e da igualdade social, a qual implica no respeito e nos já mencionados direitos humanos de todos, por igual. As igrejas cristãs devem fazer tudo o que está ao seu alcance para que os governos desenvolvam políticas coerentes com este propósito, para a vida humana e para a natureza [criada por Deus]. Uma contribuição valiosa das igrejas nesse sentido pode ser a educação cidadã, de modo que todos os membros da sociedade saibam tanto de seus direitos, quanto de suas responsabilidades como cidadãos. As igrejas podem contribuir neste campo, esforçando-se para formar pessoas que em seus respectivos países vivam como “cidadãos do céu” (Fl. 3:20), em concordância com a descrição do Apóstolo Paulo, quando se referiu aos crentes de Filipos, que eram reconhecidos como cidadãos romanos por terem nascido nessa

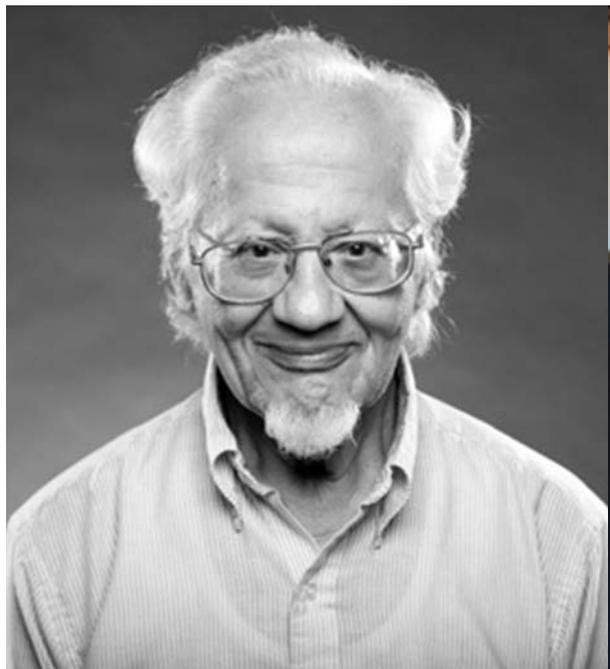
cidade, que era colônia de Roma. Alinhado com este desafio, meu livro, intitulado *Repensando a Missão* (Ultimato, 2018), destaca a necessidade de se tomar consciência do compromisso que as igrejas, em nível comunitário e pessoal, têm com Deus na prática da missão integral, para a qual contamos com os recursos provenientes do Espírito Santo.

Uma das formas de colocar em prática a justiça, o amor e a misericórdia é promover algum tipo de ajuda cuja implementação requeria dedicação de tempo e gasto de dinheiro, que vão além das possibilidades limitadas de uma congregação local. Além disto, é possível que exista no país legislação que complique ainda mais a realização da tarefa. Se for este o caso, e a igreja está consciente de suas limitações para a realização da tarefa por si só, sugere-se a tentativa de se conseguir a colaboração de igrejas irmãs, ou de entidades de serviço, cristãs ou mesmo seculares. Também, dependendo da política nacional vigente, talvez seja possível, a partir da igreja, que se promovam mobilizações para se conseguir apoio financeiro do governo, para projetos em favor dos necessitados. Em todo caso, não devemos esquecer que, por um lado, o Senhor que “faz justiça aos pobres, e que defende o direito dos necessitados” tem os ouvidos atentos para escutar nossas orações e que, por outro lado, a Ele interessam as intenções de nosso coração mais que nossas ações.

Ao longo de minha carreira no serviço e na causa do Reino de Deus e sua justiça, especialmente no campo da Missão Integral, ocupei vários cargos de alcance nacional e internacional. Como já mencionei, por vinte e dois anos fiz parte da CIEE, onde servi como Secretário Geral para a América Latina e, como tal, fiz parte do Comitê Executivo do mesmo movimento (1967 - 1976). Em 1983, iniciei um período de nove anos como Secretário Geral da Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL). Em 1995, fui nomeado Presidente Internacional da Rede Miqueias. Nesse mesmo tempo,

O tema dos princípios relativos à participação da Igreja na Política não pode ser resumido em poucas palavras. Em meu modo de ver, faz falta uma reflexão bíblica séria acerca do propósito de Deus para com a vida humana, tanto em nível pessoal, como comunitário, e para a criação como um todo.

Dr. René Padilla



[...] não devemos esquecer que, por um lado, o Senhor que “faz justiça aos pobres, e que defende o direito dos necessitados” tem os ouvidos atentos para escutar nossas orações e que, por outro lado, a Ele interessam as intenções de nossa coração mais que nossas ações.

Dr. René Padilla

NA BIBLIOTECA

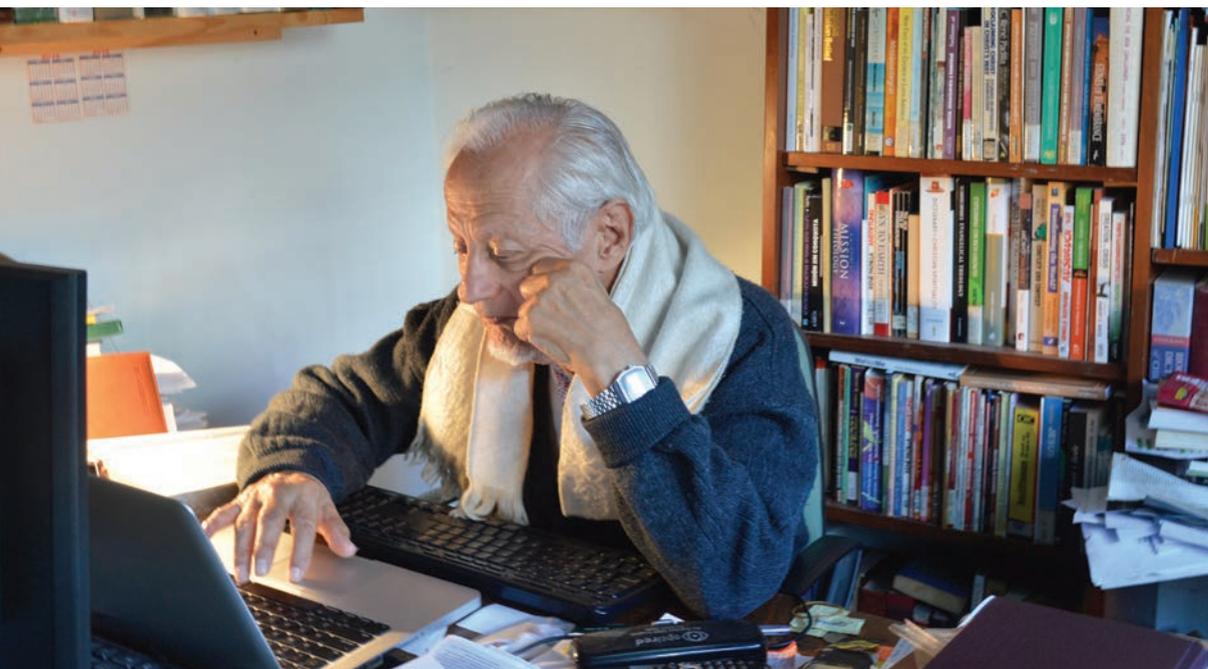
Trabalhando em seu escritório, na residência em que mora na capital argentina.

junto com minha falecida esposa Catalina, colaborei na formação da Comunidade Kairós, uma OnG cujo ministério era, e segue sendo, o de fomentar a prática da Missão Integral na Argentina. Minhas participações em todas estas entidades evangélicas demandaram inúmeras viagens internacionais, especialmente pela América Latina, mas também em outros continentes, e atuei como conferencista e como professor de cursos intensivos em Universidades e Seminários.

Outro aspecto de destaque em meu ministério foi, e ainda é, o de ser escritor ou compilador de livros, capítulos para livros de múltipla autoria, folhetos e artigos. Por muitos anos publiquei a revista *Certeza*, a revista *Missão* e o *Boletim Teológico* da FTL. A maior parte de meus escritos têm sido sobre a igreja e seu propósito à luz da vontade de Deus, revelada em seu Filho Jesus Cristo, do qual testemunha a [Sagrada] Escritura. Calculei que ao longo dos anos publiquei aproximadamente duzentos livros, por várias editoras: *Certeza*, *Caribe*, *Nueva Creación* e especialmente *Ediciones Kairós*, que eu dirijo. Nos

últimos doze anos dediquei muito, muito tempo no papel de Editor Geral de *Comentário Bíblico Contemporâneo*, um impressionante livro de 1700 páginas, que acaba de ser publicado, baseado na Nova Versão Internacional (NVI), uma versão da Bíblia em castelhano latino-americano, para cuja tradução, a partir dos idiomas bíblicos originais, atuei como moderador da comissão. De tudo o que escrevi e publiquei, o livro de maior circulação é *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino de Deus e a Igreja*, obra que foi traduzida para inglês, português, alemão, francês (parcialmente), sueco e coreano.

Para concluir, devo acrescentar que, embora boa parte de meu ministério tenha se concentrado na vocação de escritor e editor, e de conferencista e professor, também tive muito prazer na tarefa pastoral em uma igreja local, comprometida não só com a Teologia, mas também com a prática da Missão Integral. Esta igreja me ajudou, de forma indescritível, a manter os pés na Terra e dou graças a Deus por este grande privilégio. A Ele seja a Glória! ■



UMA JOIA PREDESTINADA

Texto **Dorothy Maia**

CATEDRAL VIVE GRANDE MOMENTO COM INAUGURAÇÃO DE SEU SEGUNDO ÓRGÃO DE TUBOS.

Durante sua trajetória de 154 anos, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo (ou Catedral Evangélica) já viveu grandes momentos, como a comemoração do seu Sesquicentenário, em 2015, o lançamento do Movimento Reforma Brasil, em 31 de outubro de 2017 – ano em que se celebrou os 500 anos da Reforma Protestante –, e a inauguração, em 1987, do órgão de tubos Austin, recebido por doação da Igreja Presbiteriana de Greenville, Califórnia (EUA). No dia 22 de março de 2019 viveu mais uma dessas datas importantes, também de inauguração de um órgão de tubos, desta vez, um instrumento novo, um exemplar da grife Grenzing, tornando-se a primeira igreja no Brasil e ter dois órgãos de tubo em pleno funcionamento. O instrumento pôde ser instalado no templo da Catedral graças à assinatura de dois convênios: um entre a igreja e a Universidade de São Paulo – dona do instrumento – e outro entre a igreja e a Fundação Mary Harriet Speers, financiadora da montagem.

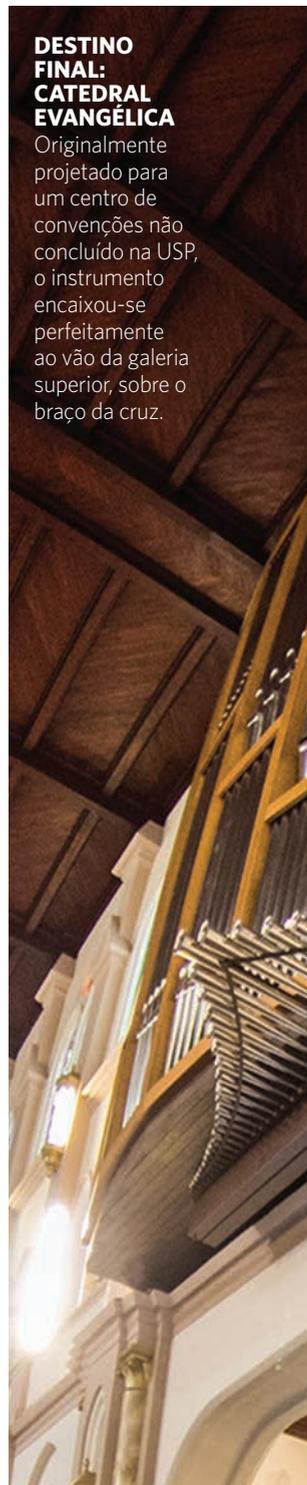
Um concerto para mais de 600 pessoas, entre autoridades públicas e repre-

sentantes de diversas áreas da sociedade – especialmente, os do segmento musical –, marcou o início do Festival de Inauguração do Órgão Grenzing na Catedral, série de 13 apresentações que reuniu organistas e músicos do Brasil e do Exterior, incluindo professores e estudantes de órgão da Escola de Comunicações e Artes da USP. Ao todo, aproximadamente 6 mil pessoas estiveram nos Concertos entre os meses de março e junho de 2019.

O programa de inauguração exibido pela Orquestra Sinfônica da USP (Osusp) e do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), sob a regência da renomada maestrina italiana Valentina Peleggi, tendo como solista o organista e professor do Departamento de Música ECA-USP, José Luís de Aquino, foi reapresentado no dia 23 de março, gratuitamente, para um público de aproximadamente 700 pessoas. No repertório, músicas de J. S. Bach Tocata e Fuga em Ré Menor; de G.F. Händel, trechos de “O Messias”, e de C. Saint-Saëns, a Sinfonia nº 3, peça inédita no Brasil.

DESTINO FINAL: CATEDRAL EVANGÉLICA

Originalmente projetado para um centro de convenções não concluído na USP, o instrumento encaixou-se perfeitamente ao vão da galeria superior, sobre o braço da cruz.





CATEDRAL E USP, JUNTAS

Rev. Valdinei Ferreira ao lado do magnífico reitor da USP, professor Vahan Agopyan.



ACERVO CATEDRAL

Um breve histórico

O órgão Grenching foi adquirido pela USP em 2013 para ser instalado no Centro de Convenções, no campus de São Paulo. Entretanto, por conta das restrições orçamentárias da Universidade e da suspensão das obras, o processo de construção do Centro foi interrompido.

No final de 2015, o Conselho Universitário havia aprovado a instalação do instrumento na Catedral Metropolitana de São Paulo, na Praça da da Sé, o que não se efetivou por questões de ordem técnica. Em julho de 2017, o Conselho aprovou a cessão à Catedral Evangélica de São Paulo (Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo) por tempo limitado, o que foi possível graças a dois convênios assinados em setembro daquele ano envolvendo as duas instituições, USP e Catedral, e a Fundação Mary Harriet Speers – responsável pelo aporte financeiro do projeto.

De novembro de 2017 a fevereiro de 2019, as peças do órgão, que estavam em depósito na USP, foram transportadas para o templo da Catedral e içadas para a galeria, trabalho que teve de ser feito por empresas especializadas para que não houvesse danos. Só de tubos são 3500 peças de metal

e madeira. Antes da montagem, foi feito reforço da laje da galeria do templo para que pudesse suportar o peso de 18 toneladas. Para alimentação elétrica adequada do instrumento, foi feita instalação de ligação trifásica. Mesmo com as obras em andamento, os cultos dominicais continuaram sendo realizados no templo. Está certo que às vezes um andaime aparecia entre os fieis e o púlpito, mas não havia outro jeito.

As equipes de técnicos começaram a chegar do exterior em agosto de 2018. Vieram de Portugal, Espanha, Holanda e Alemanha. Por último, em fevereiro de 2019, chegaram os afinadores holandeses. O trabalho de afinação e harmonização demorou 40 dias e muitas vezes teve de ser feito à noite, em razão do barulho do entorno durante o dia. Importante dizer que as obras de reconstrução do vizinho Teatro Cultura Artística, ao lado do templo, estavam em andamento na mesma época.

Segundo especialistas, atualmente, o Grenching é o órgão tubular mais moderno e o de melhor sonoridade no Brasil, embora não seja o maior em funcionamento na cidade de São Paulo.

CELEBRAÇÃO. À direita, coro da OSESP e OSUSP, sob a batuta da maestrina italiana Valentina Peleggi. Abaixo, da esquerda para a direita, fachada do órgão e console.

O concerto inaugural contou com a presença do reitor da Universidade de São Paulo, Vahan Agopyan, do reverendo Valdinei Ferreira, pastor titular da Catedral Evangélica, e Osni de Lima, presidente do Conselho Curador da Fundação Mary Speers, e do próprio organeiro Gerhard Grenzing, que veio com a família: Maria Teresa, esposa, e Natalie, filha.

“Desde o primeiro contato feito pela Universidade de São Paulo, em abril de 2017, com vistas ao estabelecimento de parceria para instalação do órgão de tubos Grenzing, fizemos todo esforço possível para que a parceria pudesse ser firmada e a montagem do instrumento fosse realizada”, declarou Valdinei Ferreira. “Registramos nossa gratidão ao prof. Vahan Agopyan, reitor da USP, e ao prof. Marco Antonio Zago, ex-reitor, pela confiança que depositaram na Catedral Evangélica de São Paulo”, comentou.

“Sabe-se que o Brasil é carente de profissionais na área organística. Portanto, a instalação do instrumento na região central da cidade de São Paulo contribuirá para a formação de futuras gerações de organistas. Servirá não somente para a prática dos alunos, mas também para o desenvolvimento e a ampliação da prática de repertório dos

cursos de Música, tais como regência e canto coral, regência orquestral, música de câmara, entre outros”, explicou Vahan Agopyan. “O concerto de abertura, ao reunir a Osusp e o Coro da Oseps, sob a regência de Valentina Peleggi, é um prenúncio do que poderemos construir, oferecendo à cidade um novo espaço para a música”, concluiu.

“A Fundação Mary Speers sente-se honrada em poder participar de um projeto desta dimensão. Os benefícios para os alunos de nosso projeto Soarte (escola de música com 120 alunos carentes) e para a cultura da nossa população são enormes”, afirmou Osni de Lima.

Organeiro alemão estabelecido em Barcelona, Gerhard Grenzing, que já conhecia o Brasil, ficou bastante impressionado com o som do órgão no templo da Catedral. “Nossa equipe tem tido oportunidade de restaurar órgãos históricos, o que nos proporciona conhecer diferentes sonoridades e processos construtivos. Com base nesse conhecimento, construímos novos órgãos, com seus estilos característicos. Este órgão instalado na Catedral contém um conjunto dessas tradições, resultando em um instrumento com personalidade própria e inovadora, junção de presente e futuro”, disse Grenzing. ■





CECILIA BASTOS / USP

Primeiros concertos

Além do professor José Luís de Aquino, da Escola de Música da ECA-USP, e do organista da Catedral Evangélica de São Paulo, Márcio Arruda, também participaram dos Concertos do Festival de Inauguração:

- Alexandre Rachid, professor de Órgão da Escola de Música da UFRJ
- Professores do Departamento de Música da USP
- Alunos do Departamento de Música ECA-USP
- Luis Caparra, professor da Universidad Nacional de las Artes de Buenos Aires
- OCAM - Orquestra de Câmara da USP, com Ana Carolina Sacco (órgão) e Gil Jardim (regente)
- Coros integrados da Catedral Evangélica, com Márcio Arruda (órgão) e Cremilson dos Santos (regente)
- Grande Coral Evangélico, com José Luís de Aquino (órgão) e Dorotea Kerr (regente)
- Orquestra Soarte, da Fundação Mary Speers, e classe de órgão da Universidade Estadual Paulista - Unesp - Cíntia Gasparetti (regente)
- Coro de Câmara Comunicantus e Coral da ECA-USP - Marco Antonio da Silva Ramos (regente)



OBRAS E CONSAGRAÇÃO. Abaixo e à esquerda, obras de instalação do instrumento. A foto do canto direito mostra o professor Aquino durante apresentação de inauguração.



ROBERTO MAURO



EXEMPLO: O MELHOR TESTEMUNHO

Texto **Dorothy Maia**

GILSON MOREIRA: “ENAMORAR-SE DE UMA CAUSA NOBRE É QUE DÁ O SENTIDO DA VIDA!”. CONHEÇA A TRAJETÓRIA DO ENGENHEIRO CIVIL CUJO LEGADO TRANSCENDE AS GRANDES OBRAS DE CONCRETO ARMADO.

Ele é mineiro e não nega: quietude é sua principal característica. É engenheiro típico: tem facilidade com as matérias exatas. Ele é protestante: prefere o tradicional. Estas três marcas sempre distinguiram Gilson Moreira nas diversas organizações onde trabalhou, 12 delas do ramo da construção civil. Em 1979, ele chegou ao Terceiro Setor e teve de lidar com emoções – as suas e as dos outros –, falta de rotina e situações ligadas às carências humanas. Original de Lavras (MG), nasceu no dia 6 de outubro de 1944, filho de Silvio do Amaral Moreira (apelidado Bi Moreira) e Maria Moreira Godinho. Gilson cresceu num ambiente culto e presbiteriano. Nesta entrevista concedida à **Revista Visão**, ele conta como foi sua trajetória de engenheiro civil, responsável por obras de concreto, a executivo envolvido com o cuidado de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Certo de que o exemplo é a melhor forma de educar e pregar o evangelho, assim agiu por toda a vida e nos 23 anos em que esteve na liderança da Fundação Francisca Franco.

V: Seu pai deixou grande legado para a Universidade de Lavras, a UFLA, que tem até um museu com o nome dele, o Museu Bi Moreira. Como foi essa influência na sua educação?

GM: Meu pai era museólogo, poeta, escritor, jornalista e autodidata. Por mais de 60 anos trabalhou no Instituto Presbiteriano Gammon – originário dos missionários americanos do sul dos Estados Unidos, vindos em 1869, assim como o Mackenzie é originário dos missionários americanos do Norte, que chegaram ao Brasil em 1870. Eu morava dentro do colégio. Convivia

com os filhos dos missionários, alunos internos e externos. Eu e meus irmãos (dois homens e uma mulher) fomos muito influenciados por ele. Todos valorizamos os estudos, fizemos faculdade. Em 1963, vim para São Paulo fazer cursinho e estudar Engenharia Civil no Mackenzie. Em 1974, fiz Administração de Empresas no Mackenzie.

Você chegou a São Paulo em plena Revolução?

Sim, foram anos conturbados, época de muitas passeatas, movimento estudantil, UNE (União Nacional dos Estudantes) etc. Eu morava numa república perto da faculdade

e sentia falta do convívio da igreja. Foi quando encontrei a Primeira Igreja.

Você nasceu em lar evangélico. Houve um momento exato de conversão?

Não. Digo sempre que não tive um estalo de conversão. Não houve um momento em que me tornei crente. Foi natural. Frequentei igreja desde a minha infância. Em Lavras, fui aluno e ovelha de Rubem Alves. Tenho um irmão pastor, Márcio Moreira, da Igreja Presbiteriana Unida. Quando vim estudar em São Paulo, procurei uma igreja onde pudesse ter o que eu tinha deixado em Minas. Cheguei

Gilson Moreira (à dir.) em homenagem prestada à Fundação Francisca Franco. À esquerda, Dr. Roberto Orte Novelli, ex-presidente da Fundação.



na Primeira Igreja, onde fui ovelha dos reverendos Jorge Bertolaso Stella, Daily França, Sérgio Freddy, Abival Pires da Silveira e hoje sou ovelha do Rev. Valdinei Ferreira. Sempre fui muito próximo dos pastores. Estive muitas vezes na casa do Rev. Bertolaso para consertar o chuveiro (rs).

Como a fé marcou sua vida profissional?

Tenho certeza de que Deus esteve presente o tempo todo comigo, no meu trabalho. Vi a mão de Deus agindo na vida das pessoas com as quais trabalhei. Lembro-me de um empreendedor que chamou um pastor para dar a bênção no início da construção de um shopping. Mas o empreendimento não deu certo. Lá na frente ele me chamou e perguntou: “Gilson, o que não deu certo?”.

E eu disse que ele havia colocado sua vida naquele empreendimento, pelo qual largou tudo, incluindo família e igreja. Por fim, ele me disse: “Por que você não me falou isto antes?”.

Você sempre percebeu a presença de Deus em sua vida?

Costumo dizer que minha vida foi conduzida por uma mão invisível, que é Deus. Ele sempre me colocou no lugar certo na hora certa. Às vezes tomei decisões intuitivas. Foi assim nas mudanças de emprego. Sou um profissional de planejamento, mas nunca planejei a evolução na carreira. As coisas foram acontecendo. Muitas coisas que eu planejei não deram certo porque não podemos planejar a ação de Deus.

E na vida pessoal?

Da mesma forma que me

conduziu na vida profissional, Deus esteve comigo em família. Tenho dois filhos, um casal, e três netos. Meus filhos são tranquilos, têm suas famílias, trabalham na área de meio ambiente. São bem resolvidos quanto à fé. Percebo que as pessoas têm fome do alimento espiritual, mas têm muita dúvida. Há muita informação e variedade e as pessoas têm dificuldade em selecionar uma opção. Há muitas igrejas. Por isso reforço que o exemplo é a melhor forma de mostrar que sua religião é boa, faz bem e faz o bem.

Como foi sua mudança da área da construção civil para o Terceiro Setor?

O Dr. Carlos Franco era presbítero da Primeira Igreja e tornou-se meu sogro. Ele era sobrinho do sr. Isaac e d. Odila, instituidores

da Fundação Francisca Franco e neto de d. Francisca Franco. No início da década de 1980, ele me convidou para trabalhar na Associação Evangélica Beneficente (AEB); depois fui para a Fundação Cerqueira Leite, segui para a Fundação Educacional Presbiteriana, Associação Paulista de Fundações, Fundação Mary Harriet Speers — na área de transformação de patrimônio —, Instituto Educacional Soarte e Fundação Francisca Franco. No início, trabalhava em mais de uma instituição, meio período. Na Fundação Mary Speers e no Soarte atuei simultaneamente com a Francisca Franco. Depois que se entra no Terceiro Setor é difícil sair, a gente se envolve.

O que o encantou no Terceiro Setor?

Sem dúvida, foi o contato com as emoções. Sou engenheiro, protestante e mineiro, ou seja, uma pessoa não habituada a ter contato com emoções mais profundas (rs). Tive que me quebrantar, principalmente com as mulheres, pois elas trabalham muito com a emoção, com os sentimentos. Nas primeiras reuniões passei apertado. Eu procurava solução racional para os problemas, e as assistentes sociais e psicólogas diziam que não dava para ser daquele jeito por causa dos sentimentos das pessoas atendidas. Foi um grande aprendizado. A gente sempre aprende com as mulheres.

Como estava a Fundação Francisca Franco quando você chegou?

Foi um período

difícil. Havia vários projetos em andamento, mas os recursos eram escassos. A primeira diretoria da qual fiz parte focou na profissionalização da Fundação e providenciou todas as certificações a fim de que pudéssemos estabelecer parcerias tanto com iniciativa privada quanto com órgãos públicos, algo imprescindível hoje. Quem não tem isso não consegue participar de editais públicos nem privados. Os editais são focados

na organização e na capacidade administrativa das instituições assistenciais.

Quais foram as principais conquistas da Fundação Francisca Franco durante sua gestão?

Nossa equipe soma até hoje 10 mil pessoas atendidas, sem contar os familiares beneficiados indiretamente. Nos projetos, as famílias são chamadas a participar. Por exemplo, no projeto “Vem, Vamos Embora” a Fundação

propiciava atendimento para a família do desabrigado durante seis meses para que ela o acolhesse da melhor forma possível. A assistente social acompanhava a família. Por conta da seriedade e da qualidade do trabalho da Fundação, ela foi reconhecida por instituições externas, recebendo os prêmios Bem Eficiente, do economista Stephen Kenitz, Prêmio Abrinq e Fundo Itaú de Excelência Social (FIES).

“As pessoas têm fome do alimento espiritual, mas têm muita dúvida. Há muita informação e variedade e as pessoas têm dificuldade em selecionar uma opção. [...] Por isso reforço que o exemplo é a melhor forma de mostrar que sua religião é boa, faz bem e faz o bem.”

Gilson Moreira



Gilson, ao lado de Janaína Medeiros, coordenadora da área social da Fundação: parcerias que dão resultado.

Recentemente, a Fundação mudou o foco do atendimento, passando de abrigo para preventivo. Por quê?

Tem estado cada vez mais difícil trabalhar no regime de abrigos. As regras do setor público não facilitam, pelo contrário dificultam o trabalho das instituições. Posso dizer que os momentos mais difíceis de minha atuação na FFF estão relacionados ao sistema de abrigo. As instituições são obrigadas a atender crianças pequenas juntamente a adolescentes, muitos já dependentes químicos. Preferimos focar no preventivo. O Espaço Criança e o Centro de Referência da Mulher têm dado ótimos resultados. Conseguimos oferecer atendimento de qualidade, com orientação psicológica, jurídica, auxiliamos na busca por

emprego e formação.

O que significou para você o projeto de instalação do órgão Grenzing no templo da Catedral Evangélica de São Paulo?

A palavra para mim em 2018 foi "imprevisibilidade". O projeto do órgão foi um desafio, uma experiência única. Não só para mim mas para todos os que participaram. Não sei como conseguimos chegar nas pessoas certas e montar uma equipe tão coesa, determinada e emocionalmente envolvida. Novamente a mão de Deus é a resposta. Perdi noites sem dormir pensando em como resolver os problemas que apareceram ao longo do caminho. Todos os fornecedores se envolveram de corpo e alma. Ficamos muito amigos, gente que eu não conhecia. Olho para o órgão pronto e nem acredito. Isto sem contar com

a convivência com as equipes que vieram de fora, espanhóis, alemães. Parecia a Torre de Babel. Eles vinham com uma mentalidade que aqui no Brasil não funciona. Tínhamos que explicar isso.

Que mensagem você deixa para a equipe da Fundação?

Nestes 65 anos de existência, a Fundação acumulou legado e experiência que precisam de ser aproveitados. São pouquíssimas as organizações que têm tanta bagagem. A instituição tem boa administração para cumprir a missão. Seu Planejamento Estratégico tem muito claro aonde se quer chegar. Por estar sob o guarda-chuva da Primeira Igreja, a Fundação dá testemunho de idoneidade, comprometimento e responsabilidade social. Ela está preparada para alçar voos, está madura para saber o que quer e o que não quer. ▲

EM POUCAS PALAVRAS...

Times do coração:

Corinthians e Flamengo

Comida: trivial: arroz, feijão, carne, couve, angu, tutu.

Música: MPB, jazz e ópera.

Lazer: Prestigiar a arte, vernissages, cinema, vida ao ar livre.

Filme: Fanny e Alexander; Zorba, O Grego, e O Fio da Navalha

Hobbies: marcenaria e desenho.

Frase: "Enamorar-se de uma causa nobre é que dá o sentido da vida."

“

“A palavra para mim em 2018 foi ‘imprevisibilidade’. O projeto do órgão foi um desafio, uma experiência única. Não só para mim mas para todos os que participaram. Não sei como conseguimos [...] montar uma equipe tão coesa, determinada e emocionalmente envolvida.

Gilson Moreira

Em paz com Deus

Ter paz com Deus significa ter sido reconciliado com Ele por meio da obra redentora de nosso Senhor Jesus Cristo. Na Bíblia muitas passagens tratam acerca do que é ter paz com Deus, mas para estudarmos o assunto de forma bastante objetiva vamos utilizar o capítulo 5 da Carta de Paulo aos Romanos.

Nesse capítulo o apóstolo tratou especialmente acerca da eficácia da justificação pela fé e dos frutos produzidos por ela. Para tanto, o apóstolo recorre a um paralelo entre Adão e Cristo, entre a condenação e a justificação. Com isso, Paulo conseguiu explicar de forma perfeita o que realmente significa ter paz com Deus.

A PAZ COM DEUS FOI QUEBRADA

Após o evento conhecido como A Queda da Humanidade, o homem foi separado de Deus, no sentido de que, por causa da desobediência do pecado, a comunhão que antes havia foi quebrada.

Pela desobediência de Adão o pecado entrou no mundo, e, conseqüentemente, a morte. Com a transgressão de Adão, toda a humanidade caiu em pecado. Isso significa que todos pecaram e assim estão destituídos da glória de Deus (Rm 3:23).

Por si só, homem e mulher algum busca a Deus, pois todos se extraviaram e se fizeram inúteis (Rm 3:10-12). Esse estado de inimizade obviamente significa que não há paz, pois a justiça e a santidade de Deus exigem a punição do pecado do homem.

A PAZ COM DEUS É RESTABELECID

O ser humano não é capaz de sozinho se reconciliar com Deus. Não há qualquer mérito ou justiça própria que nos credencie a desfrutar da comunhão com nosso Criador. Dessa forma, a paz com Deus só pode ser restabelecida através da obra expiatória de Cristo na cruz.

Isso implica na verdade de que só é possível ter paz com Deus quando se está vestido de justiça pelos méritos de Cristo. Dessa forma, a Palavra de Deus nos ensina que foi o sacrifício de Cristo que trouxe a reconciliação dos redimidos com Deus.

O QUE É TER PAZ COM DEUS?

Como já foi dito, ter paz com Deus é basicamente ter sido reconciliado com Ele por meio da obra de Cristo. Esse estado de reconciliação naturalmente nos conduz a uma condição de pleno contentamento, pois resulta na convicção inabalável e na certeza de que, através de Cristo, nossa condição mudou de culpado para justo, de condenado para justificado, de mercedores do salário do pecado para recebedores do dom gratuito de Deus que é a vida eterna (Rm 6:23).

É claro que essa paz tem origem no próprio Deus, e é uma bênção que Cristo concedeu aos redimidos quando removeu o abismo que os separava de Deus. Ter paz com Deus é saber que a ira dele não está mais sobre nós, pois em Cristo somos aceitos.

O apóstolo Paulo escreveu aos cristãos de Roma dizendo: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). O apóstolo está afirmando um fato, isto é, os justificados têm paz com Deus. Isso fica claro quando Paulo escreve no versículo 11 que “recebemos, agora, a reconciliação”, ou seja, já estamos em paz com Deus, e por isso temos acesso à sua presença.

Portanto, nos versículos 1 e 2 do capítulo 5, temos uma contemplação completa dos efeitos da justificação em relação ao passado, presente e futuro. Temos paz com Deus porque já fomos perdoados; agora, no presente, temos acesso pela fé à graça na qual estamos firmes; e, por fim, desfrutamos do privilégio de termos a convicção de que a glória futura está garantida. ■



REV.ª DENISE COUTINHO GOMES
Pastora auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

REFORMADOS PIONEIROS NO BRASIL

Texto **Rev. Valdinei Ferreira**

CONHEÇA DETALHES DAS PRIMEIRAS

INCURSÕES PROTESTANTES PELO BRASIL

Presbiterianos têm o ano de 1859 como marco do início da atividade missionária no Brasil. No referido ano o missionário norte-americano Ashbel Green Simonton desembarcou no Rio de Janeiro e, três anos depois, estabelecia-se na cidade a Primeira Igreja Presbiteriana. Entretanto, protestantes marcaram presença no país em épocas anteriores e alguns desses episódios estão registrados na história do Brasil. Os primeiros esforços de estabelecimento da fé reformada em solo brasileiro ocorreram ainda num tempo muito próximo do início da Reforma Protestante na Europa e contaram com o conhecimento e colaboração do reformador João Calvino. Trata-se do episódio conhecido na história brasileira como França Antártica. Em 1555 chegou à Baía da Guanabara o almirante Nicolaus Durand Villegaignon com a missão de lá estabelecer o domínio francês. Essa invasão francesa duraria até 1560, quando o Governador Mem de Sá expulsaria definitivamente os franceses do Brasil. O lance, sob a perspectiva

da religião que nos interessa, é o núcleo calvinista que acompanhou o projeto expansionista francês. Precisamos ter em mente que o modelo de separação entre Igreja e Estado ainda não havia emergido na história ocidental sendo, portanto, comum que projetos de colonização se fizessem acompanhar da implantação da religião do país colonizador. A partir desse padrão, foi que Villegaignon enviou cartas para o almirante Gaspar Coligny e para João Calvino a fim de que enviassem profissionais e pastores para a colônia francesa que ele buscava estabelecer na Guanabara. O pedido foi atendido e em 1557 chegaram ao Brasil os pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier e no dia 21 de março oficiaram o primeira Santa Ceia (A Primeira IPB do Rio de Janeiro tem um momento em homenagem a eles) sob o rito calvinista em terras brasileiras. Mas foi por conta de interpretações em torno da Santa Ceia que ocorreu a desarticulação do núcleo calvinista. Na realidade, o almirante Villegaignon se dispôs com o grupo Calvinista e uti-





WIKIPEDIA

FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Autor: Antonio Firmino Monteiro (1855-1888).

lizou as divergências em torno da Ceia como pretexto para persegui-los. Precisamos ter em mente que muitos nesse período da Reforma, e Villegaignon parece ser um desses casos, transitavam da fé católica romana para a fé reformada segundo a conveniência das forças políticas predominantes. O fato histórico é que a hostilidade de Villegaignon resultou na proibição dos cultos e depois na expulsão dos calvinistas. Foram embarcados num navio para a França, mas cinco deles retornaram por conta do receio de naufrágio, eram Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon, André Lafon e Jacques Le Balleur. Foram aprisionados e tiveram, num curto prazo, de responder a questões teológicas. A resposta redigida ficou conhecida como Confissão de Fé da Guanabara (veja box nas páginas seguintes) e foi a primeira confissão de fé reformada no Brasil. Foram martirizados Bordel, Verneuil e Bourdon. O alfaiate André la Fon foi poupado por conta de sua profissão e Jacques Le Balleur conseguiu fugir para São Vicente, porém, mais



PARTIDA DE ESTÁCIO DE SÁ, DE BERTIOGA, na capitania de São Vicente, rumo à Baía de Guanabara para fundar a cidade de São Sebastião. Na areia, ajoelhado, Anchieta recebe as bênçãos de Manuel da Nóbrega. Óleo sobre tela de Benedito Calixto. Uso amparado pela Lei 9619/98, Palácio São Joaquim.

sua própria língua.

Terminada a experiência de invasão, passaram-se 170 anos para o estabelecimento de uma igreja protestante em solo brasileiro. Em 1824 foi estabelecida em Nova Friburgo a Primeira Igreja Luterana, composta por 334 imigrantes alemães. Os tempos eram outros e o tratado feito com a Inglaterra para Abertura dos Portos, de 1810, havia aberto caminho para que estrangeiros que se estabeleciam no Brasil pudessem constituir suas comunidades religiosas. Comunidades foram estabelecidas no Espírito Santo, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Sul de Minas.

Além da presença de imigrantes protestantes, no período do Segundo Império, alguns missionários norte-americanos começam a circular pelo território nacional sondando o terreno para que os missionários pudessem se estabelecer no futuro. Dentre os primeiros estão os missionários metodistas Daniel Parrish Kidder e Justin Spaulding. O primeiro esteve no Brasil de 1837 a 1840 e o segundo, de 1838 a 1842. O missionário presbiteriano James Cooley Fletcher esteve no período de 1851 a 1865. Começamos pelo último. Nasceu em 1823, tendo como pai Calvin Fletcher, um bem-sucedido banqueiro norte-americano. Formou-se pela Phillips Exeter Academy, Brown University e Princeton Theological Seminary. Fletcher também estudou na França e na Suíça pelo período de um ano. Foi na Suíça que se casou com a filha do teólogo calvinista César Malan.

Fletcher foi enviado ao Brasil, em 1851, como capelão dos marinheiros e pastor dos norte-americanos residentes no país. Seu envio foi uma parceria entre duas sociedades: a União Cristã Americana e Estrangeira e a Sociedade de Amigos

dos Marítimos. Em 1854, por ocasião do nascimento de seu segundo filho e adoecimento de sua mulher, retornou aos Estados Unidos. Ainda em 1854 regressou ao Brasil como representante da Sociedade Bíblica Americana. Daí em diante, até meados da década seguinte, Fletcher empreenderá várias viagens ao Brasil. Ele circulou com grande desenvoltura junto à elite imperial e seu maior êxito foi granjejar a simpatia e amizade do Imperador D. Pedro II. No ano de 1854 o missionário organizou uma exposição com produtos e máquinas trazidos dos Estados Unidos que contou com a visita do Imperador. Fletcher foi uma espécie do apóstolo do progresso

Daniel Parrish Kidder viajou pelo Brasil entre os anos de 1838 a 1840 como representante da American Bible Society. Seu trabalho era distribuir exemplares da Bíblia para autoridades e para a população em geral. Essa era uma estratégia missionária protestante para sondar o grau de receptividade para a mensagem cristã reformada. Kidder registrou suas percepções sobre o Brasil em dois livros publicados nos Estados Unidos “Sketches of residence and travel in Brazil” e “Brazil and the Brazilians”, sendo este último escrito em parceria com James C. Fletcher. O primeiro livro foi traduzido para o português e contou com duas edições do Brasil, sendo a segunda como parte da coleção “O Brasil Visto por Estrangeiros” publicada, em 2001, pelo Senado Federal da República (Veja box do livro). A publicação dos livros de Kidder e Fletcher com suas impressões sobre as possibilidades de implantação de igrejas protestantes no Brasil funcionou como elemento importante para chamar a atenção para o país e despertar missionários que poucas décadas depois desembarcariam em



nosso solo e estabeleceriam as igrejas do chamado protestantismo de missão: congregacional, presbiteriana, metodista e batista. Foi o caso, por exemplo, de Robert Kalley, médico e missionário escocês que já havia trabalhado na Ilha da Madeira e que, ao ler o livro de Kidder, decidiu vir para o Brasil. Ele chegou em 1855 e em 1858 criava a Igreja Evangélica Fluminense.

O trabalho de desbravadores como Daniel Parrish Kidder e James Cooley Fletcher, além de divulgar a fé reformada no Brasil, tinha o claro propósito de divulgação para o recrutamento de missionários, todavia, em nenhum momento ele deixaram de apresentar as dificuldades que os missionários encontrariam para evangelizar o país, como claro está nesse trecho do livro de Daniel Kidder:

“Sabemos perfeitamente que a Constituição tolera, nominalmente, todas as religiões e que os brasileiros educados e esclarecidos têm idéias bastante liberais nesse sentido. Contudo, as camadas mais humildes da sociedade, principalmente os portugueses e seus descendentes, conservam ainda grande soma de preconceitos raciais e intolerância religiosa que impedem que seja cômoda a situação do colono estrangeiro que pretenda ingressar em seu meio.” (1951, p. 248-249)

Na busca de sistematizar as incursões do protestantismo em nossa pátria, tem sido proposta a seguinte periodização: Protestantismo de Invasão (Calvinistas da Guanabara e Brasil Holandês); Protestantismo de Imigração (luteranos e anglicanos) e Protestantismo de Missão (congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas). Grande parcela da população brasileira no século XXI professa a fé cristã de matriz protestante e, apesar, de diferenças de ordem litúrgica e até

Confissão de fé da Guanabara

JEAN DE BOURDEL, MATTHIEU VERNEUIL,
PIERRE BOURDON E ANDRÉ LAFON

Segundo a doutrina de S. Pedro Apóstolo, em sua primeira epístola, todos os cristãos devem estar sempre prontos para dar razão da esperança que neles há, e isso com toda a doçura e benignidade, nós abaixo assinados, Senhor de Villegaignon, unanimemente (segundo a medida de graça que o Senhor nos tem concedido) damos razão, a cada ponto, como nos haveis apontado e ordenado, e começando....:

V. Cremos que no santíssimo sacramento da ceia, com as figuras corporais do pão e do vinho, as almas fiéis são realmente e de fato alimentadas com a própria substância do nosso Senhor Jesus, como nossos corpos são alimentados de alimentos, e assim não entendemos dizer que o pão e o vinho sejam transformados ou transubstanciados no seu corpo, porque o pão continua em sua natureza e substância, semelhantemente ao vinho, e não há mudança ou alteração.

Distinguimos, todavia, este pão e vinho do outro pão que é dedicado ao uso comum, sendo que este nos é um sinal sacramental, sob o qual a verdade é infalivelmente recebida. Ora, esta recepção não se faz senão por meio da fé e nela não convém imaginar nada de carnal, nem preparar os dentes para comer, como santo Agostinho nos ensina, dizendo: “Por que preparas tu os dentes e o ventre? Crê, e tu o comeste.”

XVI. Cremos que Jesus Cristo é o nosso único Mediador, intercessor e advogado, pelo qual temos acesso ao Pai, e que, justificados no seu sangue, seremos livres da morte, e por ele já reconciliados teremos plena vitória contra a morte.

Esta é a resposta que damos aos artigos por nós enviados, segundo a medida e porção da fé, que Deus nos deu, suplicando que lhe praza fazer que em nós não seja morta, antes produza frutos dignos de seus filhos, e assim, fazendo-nos crescer e perseverar nela, lhe rendamos graças e louvores para sempre. Assim seja.

doutrinária, é possível afirmar que as milhares de igrejas pentecostais possuem um núcleo doutrinário que as liga ao ramo reformado. Certamente os protestantes que aqui estiveram nas épocas descritas acima jamais imaginariam que a fé que tentavam divulgar e que encontrava tanta oposição haveria de florescer de modo tão exuberante na Terra de Santa Cruz. ■

KIDDER, D. P. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil - (Províncias do Norte). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.”

(Mateus 5.7)

Deus nos é apresentado na Bíblia como o Pai cuja misericórdia para conosco é inesgotável. Ao enviar seu filho, a misericórdia do Deus eterno assumiu uma forma entre nós. Não é exagero afirmar que a misericórdia revelou um rosto, teve olhos, mãos que tocaram os doentes, pés que percorreram lugares remotos e desesperançados. A misericórdia de Deus encarnou-se em Jesus de Nazaré.

Coerência deve significar para o cristão, dentre outras coisas, que o grande princípio de nossa vida chama-se misericórdia. Cristo disse-nos: “Sede misericordiosos como também é misericordioso vosso Pai” (Lc 6.36). Ser misericordioso significa viver em sintonia com o exemplo de Jesus e a vontade do Pai. A parábola do credor incompassivo, não misericordioso, é um brado contra a incoerência. Ele havia sido absolvido de uma grande dívida e recusou-se a perdoar uma de pequeno valor. A incoerência é um sinal de ingratidão e produz revolta naqueles que estão ao nosso redor. Além disso, adoce o coração.

Ninguém pode viver feliz sendo incoerente! Felicidade é a harmonia com este grande pressuposto da vida cristã: somos filhos de um Pai de misericórdia, demonstrada não apenas no passado, mas a cada manhã em nossa vida.

As pessoas mais infelizes são aquelas que se deixaram aprisionar pelo ressentimento, que vivem na base do olho por olho, não concedem o perdão e comportam-se

como se de misericórdia não precisassem. São pessoas que pararam de crescer. Infelizes, estão morrendo a cada dia. São aqueles que não conseguiram entender ainda que todos nós navegamos pela vida a bordo de um navio chamado justiça, e acabamos nos salvando num porto chamado misericórdia.

Quer ser feliz? Comece sendo misericordioso. Mas com quem? Mostre compaixão aos necessitados materialmente, estenda o olhar sobre aqueles dos quais discorda moralmente. Vivemos num mundo marcado pela pluralidade de escolhas morais e de estilo de vida. É muito tentador tornar-se juiz dos que estão ao nosso redor. Por fim, não se esqueça de ser misericordioso com aqueles que estão perto de você: sua família, vizinhos e colegas de trabalho. De que forma? Seja misericordioso com o nome das pessoas e evite falar mal delas. Um recurso útil é o chamado filtro triplo de Sócrates: É verdade? É bom? É útil? Não falemos ou passemos adiante coisas a respeito de nosso próximo que não resistam a essas três perguntas.

Por que é tão difícil ser misericordioso? Como eu posso me tornar uma pessoa misericordiosa? Muitos não conseguem exercer misericórdia porque não a receberam. Assim, como foram feridos, prosseguem pela vida distribuindo ferimentos. Se em alguma medida isso o descreve, saiba que é possível apropriar-se da misericórdia que Deus oferece para você.

Comece a assumir algumas ati-

tudes, pequenas, mas significativas. São atitudes como: falar menos e escutar mais; criticar menos e orar mais; pensar menos sobre as coisas que o irritam e falar mais com Deus a respeito; em vez de tentar consertar as pessoas, experimente simplesmente amá-las. Para Deus a ação é importante: “Meus irmãos, qual o proveito se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2.14). Mas a intenção também conta. O apóstolo Paulo afirma: “Ainda que eu distribua todos os meus bens para os pobres e ainda que entregue meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1 Co 13.3).

A melhor metáfora para falar de misericórdia como investimento não é a comercial, pois não se trata de dar para receber, trata-se de doar para ser. Bem-aventurados os misericordiosos, porque já plantaram a semente da misericórdia no solo do próprio coração. Por isso, no tempo certo, colherão misericórdia. Trata-se de investimento que segue a lei da semeadura – o que o homem semear, isto colherá. O que semeia no Espírito, do Espírito colherá vida. O que semeia na carne, da carne colherá corrupção. Aquele que semeia misericórdia, colherá misericórdia. Além da promessa de que os misericordiosos receberão tratamento misericordioso em sua jornada, Deus ainda promete vida longa e feliz na Terra e bênçãos para sua descendência (Sl 37.26; 41.1-2). ■



REV. VALDINEI FERREIRA
Pastor titular
da Primeira
Igreja Presbiteriana
Independente
de São Paulo

RUTE, A AMIGA

Texto **Profª Ms. Célia Fudaba Curcio**

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A MOABITA E A SURPREENDENTE MANEIRA COMO DEUS AGIU EM SEU TEMPO.

“**O** nome diz o que a pessoa é e faz”. Esta frase pode justificar o cuidado dos pais, ao escolher os nomes dos filhos e por que, em particular, o nome Rute se tornou muito usado. Segundo o Dicionário de Nomes Próprios, Rute quer dizer amiga e, por extensão, companheira. Depois da Reforma Protestante do século XVI o nome Rute se popularizou e passou a ser relacionado com compaixão e simpatia. Partindo dessas premissas, iniciamos uma caminhada de pesquisa para responder o que podemos aprender com a personagem Rute e com o livro do Antigo Testamento de mesmo nome.

O frei carmelita Carlos Mesters (1931, Holanda) propôs um meio interessante de difundir a leitura e compreensão da Bíblia, o triângulo hermenêutico, com três vértices em permanente interação, a realidade da pessoa, a realidade da comunidade e a realidade da sociedade. Em entrevista para a Revista do Instituto Humanitas Unisinos, o frei afirma que “a leitura da Bíblia deve fazer você sair de você mesmo, criar laços afetivos, solidificar aquilo que o texto sagrado chama de comunhão concreta entre as pessoas”. Qual era a realidade pessoal de Rute? Como vivia na comunidade de Moabe, com a família? Que



LOCALIZAÇÃO DO REINO DE MOABE

Mapa com a região em que viveu Rute.

RUTE E NOEMI

Óleo sobre tela de Jan Victors, de 1653 (à direita).

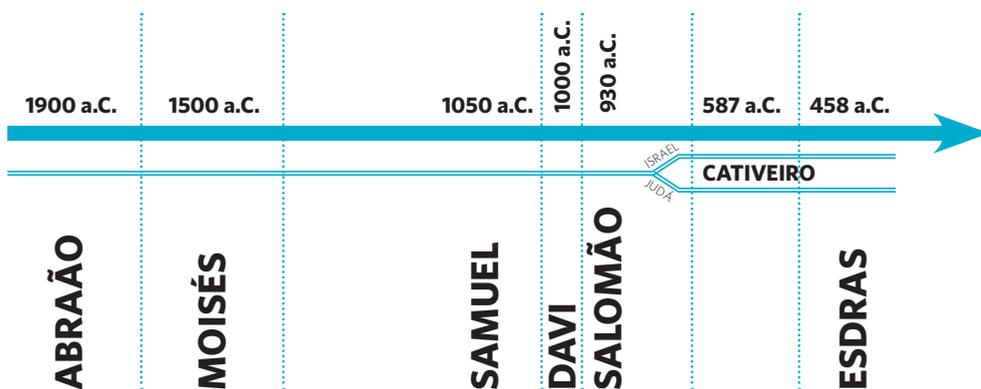
NOTA DA AUTORA: neste ano aceitei o desafio de ler a Bíblia inteira. Comecei em primeiro de janeiro e concluírei em 31 de dezembro. Cada leitura me surpreende e mostra que os pensamentos divinos não são como os pensamentos humanos e Deus não age como nós. Em Isaías 55,9,NTLH, lê-se: “Assim como o céu está muito acima da terra, assim os meus pensamentos e as minhas ações estão muito acima dos seus”. Nas primeiras leituras dos capítulos de Gênesis, a história de Ló e a origem dos moabitas e amonitas me despertaram o interesse de estudar sobre a moabita Rute e como Deus surpreendentemente agiu naqueles tempos.

realidade encontrou ao retornar para a terra de Judá? Para responder a essas perguntas, partiremos de uma linha do tempo simples.



REPRODUÇÃO

Rute: período dos juízes 1350 –1100 a.C.



Iniciamos no Pentateuco, chegando à época dos Juízes. A leitura atenciosa da Bíblia revela, sempre nos surpreendendo, os pensamentos e caminhos do Senhor. “A palavra que sai da boca de Deus jamais volta para ele vazia; ela prospera, naquilo para a qual o Senhor a designa” (Isaías 55.11). Vejamos algumas descobertas feitas durante a leitura dos primeiros livros da Bíblia, sobre a origem dos moabitas e sua trajetória.

Abraão conviveu muitos anos com seu sobrinho Ló. Lemos em Gênesis 11.31 que Tera, pai de Abraão, saiu com ele, seu neto Ló, e sua nora Sara, de Ur dos caldeus, para a terra de Canaã, estabelecendo-se em Harã. Tera viveu 205 anos e morreu em Harã. Então o Senhor falou a Abraão, ordenando que saísse de Harã, prometendo fazer dele uma grande nação, abençoá-lo e através dele bendizer todas as famílias da terra (Gênesis 12.1-3).

Aos setenta e cinco anos, partiu Abraão em direção a Canaã, com Sara e Ló, levando consigo os bens e pessoas que havia conquistado em Harã. Passaram por Siquém e Neguebe e havendo fome naquela terra, foram ao Egito. Como Sara era formosa, Abraão mentiu ao Faraó, dizendo ser ela sua irmã, pois temia que este, cobiçando Sara, o matasse, quando soubesse ser sua esposa. Assim Sara foi levada à casa de Faraó, que a tomou como sua mulher e este tratou bem a Abraão, que passou a ter ovelhas, bois, jumentos, escravos e escravas, jumentas e camelos. Mas o Senhor puniu Faraó e sua casa com pragas, por causa de Sara. Faraó, descobrindo a mentira, deu ordem para que Abraão partisse, com sua mulher e tudo que possuía.

Partiram, passando por Neguebe novamente, chegando em Betel. Abraão estava muito rico, possuía gado, prata e ouro. Ló também possuía muitos bens, rebanhos, gado e tendas (Gênesis 13.1-4). Eram tantos os bens de Abraão e Ló, que não mais podiam estar juntos, os pastores de gado de Abraão contendiam com os de Ló.

Sugeriu Abraão que se separassem, para que não houvesse contenda entre parentes próximos. Ló partiu para o oriente, escolheu para si as campinas do Jordão. Armou suas tendas até Sodoma, habitada por homens maus, grandes pecadores contra o Senhor. Abraão habitou em Canaã.

Ló escolheu as campinas do Jordão, nas proximidades de Sodoma, por ser aprazível aos olhos. Era toda bem regada, como o jardim do Senhor (Gênesis 13.10), mas a sua escolha acabou mal:

“Aí o Senhor disse a Abraão:

— Há terríveis acusações contra Sodoma e Gomorra, e o pecado dos seus moradores é muito grave. Preciso descer até lá para ver se as acusações que tenho ouvido são verdadeiras ou não.” (Gênesis 18.20,NTLH)

Com a sentença divina sobre a destruição das cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra, Abraão intercedeu pelos seus moradores justos, junto a Deus. Assim Deus, através de dois anjos, livrou a Ló, sua mulher e as duas filhas da destruição. Os genros de Ló não quiseram segui-lo. Os anjos ordenaram que não olhassem para trás. A mulher de Ló não obedeceu, olhou para trás e transformou-se numa estátua de sal. Ló passou a habitar uma pequena cidade chamada Zoar, mas temendo permanecer ali, refugiou-se numa caverna, em um monte, com as





REPRODUÇÃO

RUTE E NOEMI.

Litografia de Ary Scheffer, de 1811.

filhas (Gênesis 19.1-30).

Nessa caverna, as duas filhas conceberam do próprio pai em duas noites subsequentes, depois de embebedá-lo. Dessas relações incestuosas, a primogênita deu à luz Moabe, pai dos moabitas, e a mais nova a Ben-ami, pai dos amonitas (Gênesis 19.30-37). Rute tem origem, então, de uma relação incestuosa entre Ló e sua filha primogênita.

Nos anos subsequentes o povo de Israel habitou entre outros povos. Os israelitas casaram com mulheres desses povos e passaram a adorar seus deuses, esquecendo-se dos mandamentos ordenados por Deus através de Moisés (Juízes 3.5-6).

Os moabitas e amonitas adoravam outros deuses e eram inimigos de Israel.

“Quando chegou lá, nas montanhas de Efraim, ele tocou uma corneta de chifre de carneiro para chamar os homens de Israel para a luta. Ele os guiou montanha abaixo, dizendo:

— Sigam-me. O Senhor Deus deu a vocês a vitória sobre os inimigos, os moabitas.

Então os israelitas o seguiram e tomaram o lugar onde os moabitas costumavam atravessar o rio Jordão. E não deixaram ninguém atravessar. Nessa batalha eles mataram mais ou menos dez mil soldados moabitas, todos fortes e valentes. E nem um escapou. Assim os israelitas derrotaram Moabe naquele dia. E houve paz na terra de Israel durante oitenta anos.” (Juízes 3.27-30,NTLH)

Retomando o primeiro vértice do triângulo hermenêutico do Frei Mesters, a realidade da pessoa, além do exposto sobre a origem e história dos moabitas, podemos imaginar como se passaram a infância e adolescência de Rute.

A análise do segundo e terceiro vértices, a realidade da comunidade e a realidade da sociedade podem ser feitas a partir do livro de Rute. A história começa contando de um período de fome, que forçou a família de Noemi e Elimeleque a abandonar tudo e se mudar de Belém de Judá para a terra de Moabe. Alguns estudiosos afirmam que o livro de Rute, assim como Juízes e 1 e 2 Samuel foram escritos pelo profeta Samuel. De qualquer forma, o autor, inspirado por Deus, descreveu essa família e o contexto em que viviam brilhantemente. Se “o nome diz o que a pessoa é e faz”, o autor descreve para a esposa, o nome Noemi, que significa graça, graciosa, posteriormente ela pediu para ser chamada de Mara, que significa amargura ou amargosa. O marido Elimeleque, significa meu Deus é rei; Malon, o primeiro filho, significa doença e Quelion, o segundo filho significa fragilidade. A primeira nora, Orfa, significa costas e a segunda nora, Rute, como mencionado anteriormente, significa amiga.

A família morou na terra de Moabe por praticamente dez anos. Ali morreu Elimeleque, em seguida morreram os filhos, Malon e Quelion e as mulheres restaram sozinhas e desamparadas. Que triste realidade para Noemi, em terra estranha, perdeu o suporte do marido (meu Deus é rei), do filho primogênito (doença) e do filho caçula (fragilidade). Com razão pediu para passar a ser chamada Mara (amargura).

A TRAJETÓRIA. Provável percurso entre Moabe e Belém.

A situação das mulheres à época

Para a sociedade da época, a situação dessas mulheres era desamparadora, nem mesmo a lei mosaica poderia auxiliá-las.

“Moisés disse ao povo: — Se dois irmãos morarem juntos, e um deles morrer e deixar a esposa sem filhos, a viúva só deverá casar de novo com alguém que seja da família do morto. O irmão do falecido deve casar com a viúva, cumprindo assim o dever de cunhado. O primeiro filho que ela lhe der será considerado filho do falecido, para que o seu nome não desapareça de Israel”. (Deuteronômio 25.5-6,NTLH)

Nem mesmo essa lei do levirato, ou do resgatador poderia ampará-las, pois os três homens morreram. Mas Noemi representa a graça divina e milagrosamente soube que Deus havia melhorado a situação de fome em Judá e decide regressar para a sua terra.

No caminho, orientou

as jovens noras a voltarem “para o seu povo moabita e para os seus deuses” (Rute 1.8-15), não havia esperança para elas. A nora Orfa, como citado, significa costas, relutou, mas por fim decidiu voltar à casa dos pais e Rute, por providência divina respondeu:

— “Não me proíba de ir com a senhora, nem me peça para abandoná-la! Onde a senhora for, eu irei; e onde morar, eu também morarei. O seu povo será o meu povo, e o seu Deus será o meu Deus. Onde a senhora morrer, eu morreréi também e ali serei sepultada. Que o SENHOR me castigue se qualquer coisa, a não ser a morte, me separar da senhora!” (Rute 1.16-17,NTLH)

A profundidade e beleza dessa resposta se revela no significado citado do nome Rute, amiga e se esclarece no plano eterno divino de salvação, com as palavras de Jesus, que deu a própria vida

pelos escolhidos:

“Ninguém tem mais amor pelos seus amigos do que aquele que dá a sua vida por eles. Vocês são meus amigos se fazem o que eu mando. (João 15.13-14,NTLH)

Assim nora e sogra chegaram em Belém de Judá, na época da colheita da cevada e Rute, para garantir a sobrevivência, decidiu se beneficiar da orientação dada por Deus, através de Moisés: **“Quando fizerem a colheita do trigo, não colham as espigas dos pés que ficam na beira do campo, nem voltem atrás para pegar as espigas que não tiverem sido colhidas. E não façam uma segunda colheita nas plantações de uvas, para colher os cachos que ficaram, nem voltem atrás para catar os cachos que tiverem caído no chão. Deixem isso para os pobres e para os estrangeiros. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês”.** (Levítico 19.9-10,NTLH)

O autor do livro de Rute escreve que “por casualidade Rute entrou na parte que pertencida a Boaz, o qual era da família de Elimeleque” (Rute 2.3). E no versículo 1 do mesmo capítulo 2, vemos que Boaz era senhor de muitos bens. O termo casualidade, no hebraico, segundo a Bíblia de Estudo de Genebra, significa que esse fato ocorreu sem que Rute tivesse planejado.

Por isso iniciamos a argumentação citando Isaías 55.9, os pensamentos divinos e as ações divinas estão muito acima dos pensamentos e ações humanas. Reforça-se essa ideia com o capítulo 5 da Confissão de Fé de Westminster (CFW), sobre a providência:

“Pela mui sábia e santa providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até a menor. Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, necessária, livre ou contingentemente, conforme a natureza das causas secundárias. Na sua providência comum, Deus emprega meios; todavia, ele é livre para





operar sem eles, sobre eles ou contra eles, segundo o seu beneplácito". CFW 5.1-3

E mais uma vez, se “o nome diz o que a pessoa é e faz”, Boaz significa “nele há força”. O texto bíblico mostra a providência divina, a bondade e força agindo através dele, quando encontrou Rute na sega em sua propriedade.

“Boaz respondeu:

— Eu ouvi falar de tudo o que você fez pela sua sogra desde que o seu marido morreu. E sei que você deixou o seu pai, a sua mãe e a sua pátria e veio viver entre gente que não conhecia. Que o Senhor recompense por tudo o que você fez. Que o Senhor, o Deus de Israel, cuja proteção você veio procurar, lhe dê uma grande recompensa.

Rute disse a Boaz:

— O senhor está sendo muito bom para mim. O senhor me dá ânimo, falando comigo com tanta bondade, pois eu mereço menos do que uma das suas empregadas". (Rute 2.11-13,NTLH)

O texto bíblico diz que no dia em que Boaz e Rute se encontraram, ela colheu até a tarde e debulhou o que apanhara, quase um efa de cevada, aproximadamente 22 litros. Voltando à sogra, Rute contou que esteve nas terras de Boaz e Noemi o reconheceu como parente chegado e um dentre os possíveis resgatadores (Rute 2.20).

Noemi se dirigia à Rute como filha, reconhecendo a forte ligação de amizade entre elas (Rute 3.1). Orientou como mãe à sua nora, como deveria fazer para que Boaz cumprisse o papel de resgatador, conforme a lei do levirato (Deuteronômio 25.5-6) e Rute obedeceu. Noemi demonstra que todo seu desespero, sofrimento e abandono se transformava em certeza, esperança e fé.

“Então Noemi disse:

— Agora, minha filha, tenha paciência e espere para ver o que vai acontecer. Pois Boaz não vai descansar enquanto não resolver esse assunto, ainda hoje". (Rute 3.18,NTLH)

“A fé é a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas

que não podemos ver. Foi pela fé que as pessoas do passado conseguiram a aprovação de Deus". (Hebreus 11.1-2,NTLH)

A esperança de Noemi se concretizou em graça, como o seu nome, pois Boaz conseguiu resgatá-las.

“Aí Boaz disse às autoridades e a todo o povo:

— Hoje vocês são testemunhas de que eu comprei de Noemi tudo o que era de Elimeleque, e de Quiliom, e de Malom. Também casarei com Rute, a moabita, viúva de Malom, para que a propriedade continue com a família do falecido. Assim o nome de Malom será sempre lembrado no meio deste povo e na sua cidade natal. Hoje vocês são testemunhas disso". (Rute 4.9-10,NTLH)

“Então Boaz levou Rute para casa, para ser a sua mulher. Eles tiveram relações, e o Senhor deu a Rute a bênção de ficar grávida, e ela deu à luz um filho. E as mulheres disseram a Noemi:

— Louvado seja o Senhor, que lhe deu hoje um neto para cuidar de você! Que este menino venha a ser famoso em Israel! Que ele seja um consolo para o seu coração e lhe dê segurança na velhice! A sua nora, a mãe do menino, a ama; e ela vale para você mais do que sete filhos. Noemi pegou o menino no colo e cuidou dele". (Rute 4.13-16,NTLH)

As respostas e ações divinas reveladas nesses versículos, como o resgate e amparo de Noemi e Rute, a bênção da vinda de um filho para Rute e Boaz, chamado Obede, que significa servo, neto de Noemi, consolo para o seu coração e amparo para a sua velhice; o reconhecimento de que Rute amou a sogra e o milagre da relação de mãe e filha entre elas revelam o plano histórico de salvação esboçado por Deus até mesmo antes da criação do mundo.

Obede, servo, foi pai de Jessé e Jessé pai de Davi. Essa genealogia aponta o serviço resgatador de Obede, pois através dele chegamos até Jesus, filho de Davi, o Salvador, como podemos confirmar através da leitura do primeiro capítulo do Evangelho de Mateus.

Examinando a linha do tempo esboçada anteriormente observamos que pela providência

divina, o livro de Rute caminha na contramão do livro de Esdras. Em Esdras capítulo 9 lemos sobre os casamentos dos israelitas com outros povos, entre eles os amonitas e moabitas e suas contaminações. Ele atribui o sofrimento do povo ao pecado da contaminação. No capítulo seguinte vem a decisão para corrigir os erros cometidos.

“Então o sacerdote Esdras se levantou e disse:

— Vocês foram infiéis e aumentaram a culpa do povo de Israel por terem casado com mulheres estrangeiras. Portanto, confessem agora os seus pecados ao Senhor, o Deus dos seus antepassados, e façam o que lhe agrada. Afastem-se dos estrangeiros que vivem na nossa terra e mandem embora as mulheres estrangeiras com quem vocês casaram.

E todo o povo respondeu em voz alta:

— Sim! Faremos tudo o que o senhor

mandar”! (Esdras 10.10-12,NTLH)

O livro de Rute mostra que pela vontade divina é possível acontecer um casamento misto, como de Boaz, israelita e Rute, moabita e essa união ser abençoada e não causa para sofrimento e maldição. Rute foi escolhida por Deus e veio não para trazer falsos deuses e sim para se sujeitar ao verdadeiro Deus e assim gerar a sucessão que culmina em Jesus, nosso Senhor e Salvador: “O seu povo será o meu povo, e o seu Deus será o meu Deus” (Rute 1.16b).

“Eu quero que vocês me amem e não que me ofereçam sacrifícios; em vez de me trazer ofertas queimadas, eu prefiro que o meu povo me obedeça.” (Oséias 6.6,NTLH)

Jesus ensina perfeitamente isso quando afirma ser o senhor do sábado (Mateus 12.1-8). Ele lembra que Davi e seus homens, com fome, comeram os pães da proposição e não foram condenados por isso (1 Samuel 21.1-6); assim seus discípulos podiam colher espigas para saciar a fome, mesmo no sábado. E cita Oséias 6.6: “Misericórdia quero e não holocaustos” (Mateus 12.7).

A Bíblia aponta em cada letra para a esperança em Jesus, o nosso Salvador. O livro de Rute, em especial, nos mostra que mesmo quando ocorrem sofrimentos terríveis há esperança, somos escolhidos de Deus e queremos fazer a sua vontade. O Deus misericordioso de Noemi e Rute é o nosso Deus, revelado em Jesus, nosso redentor! ■

NOEMI E SUAS FILHAS. Pintura de 1804, de George Dawe. Retrata o momento em que Noemi, retornando a Belém, implora às noras Rute e Orfa para ficarem em sua cidade natal, Moabe, e se casarem novamente após a morte de seus dois filhos.

BIBLIOGRAFIA:

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2a ed. Barueri: SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

HOUSE, Paul R. Teologia do Antigo Testamento. 3a ed. São Paulo: Editora Vida, 2009.

MESTERS, Carlos. Como ler o livro de Rute. 1a ed. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

MESTERS, Carlos. A individualização do sujeito e os desafios da leitura bíblica hoje. ed. 412, Rio Grande do Sul: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 2012. Disponível em www.unisinos.br

VILLIERS, Gerda de. O livro de Rute no tempo dos juízes e Rute a moabita. Rio Grande do Sul, V. 15, p. 262-276, 2017. Disponível em www.fajopa.com ISSN 2179-8079 Revista Contemplação.



REPRODUÇÃO

COMO A BÍBLIA CHEGOU ATÉ HOJE?

Texto **Larissa Iole**

OS MISTÉRIOS QUE ENVOLVEM A
TRAJETÓRIA DO LIVRO MAIS DISTRIBUÍDO DA
HISTÓRIA E COMO ELE CONTINUA VIVO.

Conhecido como o livro mais vendido no mundo a Bíblia possui ao todo 73 livros, sendo 46 do Antigo Testamento e 27 do Novo Testamento. Os deuterocanônicos – um conjunto de sete livros que estão presentes na antiga tradução em grego do Antigo Testamento – são considerados pelas religiões que adotam a Bíblia mesmo não sendo católicas como obras sem inspiração divina. Porém, reconhecem seu inegável valor histórico.

Calcula-se que o trabalho de sua composição demorou em média 1.600 anos e levou pelo menos o trabalho de quarenta homens das mais diversas origens culturais, posições sociais e profissões.

Um dos grandes marcos para o desenvolvimento da Bíblia como a conhecemos hoje foi a instalação do povo judeu em Israel por volta do século XIII a.C., criando desde então um certo desenvolvimento literário como, por exemplo, o alfabeto fenício (do qual se derivou o hebraico), que já existia no século XIV a. C. Além destes, há outros documentos provando a existência de uma escrita na Palestina antes mesmo de os hebreus chegarem às terras. Existem diversos textos antigos que datam de épocas remotas, como o calendário de Gezér – uma espécie de “almanaque” que mostrava as datas de plantio dos agricultores. Esse documento datado de 1000 a.C é o documento mais antigo encontrado na Palestina.



Tradição oral e escrita

Se ficarmos apenas com os exemplos citados e comprovados pela moderna arqueologia, é possível comprovar a existência de uma escrita na região da Palestina muito antes de os hebreus chegarem lá e se estabelecerem, o que não descarta a hipótese de que eles teriam, de uma maneira ou de outra, absorvido elementos das civilizações lá existentes e os reciclando de alguma maneira ao confeccionar os textos da Bíblia.

Mas todo o registro escrito que originou a Bíblia, em sua versão final, levou anos para chegar a acontecer de fato. O costume oral persistiu até os tempos do rei Davi, por volta de 1050 a.C., após esse período se usou dos papiros, pergaminhos – usando o curtimento da pele de animais como cabras e carneiros –, e posteriormente, com o advento da tecnologia, começou a se fazer o uso dos códices, o mais próximo do que conhecemos hoje como livros. ■



FREPIK

Historicamente, a fala antecede a escrita, ou seja, a escrita foi formada a partir da comunicação entre os homens e pela necessidade de se ter registros, não só de acontecimentos, mas particularmente de operações primitivas de comércio.

Antes mesmo da escrita a oralidade já era presente tanto no cotidiano do ser humano quanto na história da passagem da tradição judaico-cristã. A parte mais antiga da Bíblia remonta justamente deste tempo (1100 a.C.), quando a escrita ainda não estava bem definida, e a oralidade exercia seu papel. A partir dessa época já se fora criando uma tradição oral, transmitida aos mais novos pelos mais velhos nas reuniões que ocorriam nos santuários.

A escrita em seu início apresentava textos impressos para registrar o espírito religioso, as orações. Difundidas pelos papiros escritos em hebraico e aramaico, manuscritos em grego, latim e síriaco dos primeiros séculos de nossa era, assim como volumes medievais que pouco a pouco se tornam escassos até o surgimento da impressão, época dourada da difusão bíblica. Um de seus marcos iniciais foi o Cântico de Débora, que se acredita ser a parte mais antiga do

Antigo Testamento, encontrado no Capítulo 5 do livro dos Juizes.

Não se foi provada a existência de nenhuma versão original de manuscrito da Bíblia, mas sim cópias de cópias. Todos os autógrafos, isto é, os livros originais que foram escritos por seus autores, se perderam.

As traduções confiáveis das Escrituras Sagradas baseiam-se nas melhores e mais antigas cópias que existem e que foram encontradas graças às descobertas arqueológicas. Traduções vindas do grego, aramaico e hebraico deram início à origem das Escrituras Sagradas.

“Apesar de toda a dinâmica em torno das cópias, que produziram diferenças significativas em alguns casos, não se pode dizer que os textos mais recentes sejam absolutamente diferentes dos mais antigos, e até dos originais. De um modo geral, é possível garimpar alguns textos que foram inseridos posteriormente, mas que nem de longe destoam de fato do espírito dos textos originais. A partir do século 2 d.C. as diferenças que surgiram não foram tão relevantes, e ainda assim, a pesquisa textual tem conseguido reconstituir o melhor texto para traduções”,

assim explica Marcelo da Silva Carneiro, doutor em Ciências da Religião, Teólogo Metodista, pesquisador do Cristianismo Primitivo no Grupo Oracula (UMESP) e professor de Novo Testamento e História de Israel na FATIPI.

O professor menciona ainda a existência de dois processos quando se fala sobre a transição da tradição oral até os primeiros registros escritos do Antigo e Novo Testamentos. De acordo com o teólogo os dois processos são bem distintos, e cada um possui sua história própria. Começando pelo Antigo Testamento, onde as teorias mais recentes indicam que antes do texto estar completo como o conhecemos ele passou por diversas etapas de tradição oral e registro de fragmentos, que contavam as histórias dos patriarcas e dos ancestrais que povoaram a terra de Canaã, sempre buscando mostrar uma unidade nacional e Javé como o único Deus do povo.

Depois, começaram efetivamente a formar coleções de textos no período dos reis Ezequias e Josias de Judá, entre os séculos 8 a 6 a.C. O evento do exílio babilônico em 586 a.C. foi fundamental para que os hebreus entendessem a importância de

organizar os registros escritos e formar os livros, começando pelo Pentateuco e alguns profetas, e depois passando pelos livros que conhecemos como históricos.

Por fim, alguns livros, que eram usados de forma fragmentada (como os Salmos) também foram compilados e devidamente definidos, mas isso já no século 4 a.C. No tempo de Jesus e os apóstolos todos os livros do Antigo Testamento circulavam e eram lidos de maneira corrente, além de outros que depois foram considerados apócrifos. No entanto, somente o Pentateuco, Salmos e Profetas já tinham status de Escritura Sagrada, até o fim do século 1 d.C. Em 85 d.C., mais ou menos, os judeus se reuniram em uma cidade próxima a Jerusalém, chamada Jabne (ou Jâmnia, dependendo da fonte que se lê) para definir o cânon judaico, que ficou com 39 livros, os mesmos que depois os protestantes adotaram na sua versão da Bíblia.

Em relação aos textos do Novo Testamento, o Dr. Marcelo explica sobre a similaridade do ciclo, se diferenciando somente em ter ocorrido em um período bem menor de tempo. Depois da ressuscitação de Jesus, que não possuía conhecimento de

escrita, os discípulos (em sua maioria compostos por iletrados, ou seja, também sem conhecimento de escrita) passaram a transmitir o evangelho como pregação e ensino oral, que foi a marca até o apóstolo Paulo se converter. Paulo começou a escrever cartas para as igrejas pelas quais tinha passado, gerando já no ano 50-51 d.C. os primeiros escritos cristãos, ainda que longe de serem considerados inspirados ou canônicos. Eram cartas pastorais em que o apóstolo procurava corrigir problemas de crença ou de comportamento, como a carta aos Gálatas ou 1 Tessalonicenses.

Quanto Paulo e Pedro foram mortos por Nero, a igreja de Jerusalém e das comunidades orientais perceberam a necessidade de registrar por escrito os ensinamentos apostólicos. Alguns escreveram epístolas, como a de Tiago, outros partiram para registrar os fatos sobre Jesus, focando no ministério dele na Galiléia e os acontecimentos da Páscoa em Jerusalém, quando ele foi morto, e posteriormente ressuscitou. Nasceu o evangelho de Marcos, por volta dos anos 66-70 d.C., contendo curas, milagres e ensinamentos de Jesus. Mas muita coisa ficou de fora. Com a queda de Jerusalém em 70 d.C. por conta da revolta

judaica contra Roma, outras comunidades cristãs desejaram transmitir por escrito ensinamentos de Jesus que elas tinham acesso, seja por memória coletiva que se tornou tradição em torno de Jesus, seja por fontes escritas, algumas fragmentadas, outras completas, como o próprio evangelho de Marcos.

Contudo, o Novo Testamento não foi escrito com a finalidade de ser acrescentado à Bíblia. No tempo de Jesus Cristo e dos Apóstolos, o livro sagrado era apenas o Antigo Testamento, com o próprio Jesus Cristo se baseando nele em suas pregações. E apesar da ordem de pregar apenas oralmente, sem utilizar da escrita, após a morte de Cristo, se criou a necessidade de congregar outras pessoas para o anúncio, em vista do grande número de comunidades existentes. Foi assim que começaram a escrever. Mais tarde, com a aceitação também de cidadãos estrangeiros nas comunidades, a mensagem precisou ser traduzida e adaptada. Além disso, o próprio povo necessitava de uma escrita (doutrina escrita) para se conservar uma, após a morte dos Apóstolos. Esta redação, no início, era apenas de alguns escritos esparsos, que só depois de algum tempo foram unidos em livros.

A evolução das escrituras

A escrita em seu início apresentava textos impressos para registrar o espírito religioso, as orações. O mais antigo texto impresso que se conhece são orações budistas, feitos no Japão entre os anos 764 e 770. O primeiro livro propriamente dito de que se tem notícia apareceu na China em 868. A civilização se despertava cada vez mais ao enriquecimento cultural, mas com poucos registros.

Os registros eram praticamente restritos ao ambiente monástico, onde os monges copistas escreviam à mão os textos considerados importantes e transcreviam a Bíblia em latim, conhecida como Vulgata, feita por São Jerônimo no século IV.

Durante séculos a escrita era limitada a modos muito restritos de reprodução, como as tábuas de textos cuneiformes dos povos sumérios, os ideogramas chineses ou os papiros egípcios, entre outras formas de réplica, cujo acesso se restringia a pequenos grupos de pessoas. Nesse contexto de segregação de conhecimento na mão de poucos, em uma época onde os livros eram escritos somente à mão, por monges e escribas, e demoravam meses para serem concluídos, surge a imprensa de Gutenberg, no século XV.

Nesta época era privilégio das minorias ler e muito mais escrever, além do fato do preço elevado dos livros que limitava o acesso para a maioria das pessoas devido a não terem condições de adquirir um exemplar. Assim, a revolução da invenção da prensa tipográfica de Johannes Gutenberg, e do desenvolvimento do papel com processos mais fáceis e contínuos fez com que, não só o conhecimento no geral fosse difundido mais facilmente, como as escrituras sagradas fossem divulgadas como até então não tinham sido.

Assim foi publicado o primeiro exemplar impresso da Bíblia, sendo também o primeiro livro a ser impresso, em 1456. Conhecida como Bíblia de 42 linhas, datilografadas em letras góticas, com 642 páginas. Ela continha ainda algumas ilustrações que lembravam os vitrais de basílicas cristãs. Com 180 exemplares impressos (150 em papel e 30 em pergaminho), atualmente ainda restam 48 originais.

Como lembra o professor e teólogo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Gerson Moraes, a imprensa de Gutenberg "alavancou a tradição protestante, que não teria êxito sem a imprensa do século 15. Porque ele, na medida que rompe com o catolicismo, se construiu por meio da Bíblia e pela necessidade de transmiti-la como elemento de autoridade. Isso estimulou a alfabetização em escolas, pois propagavam a palavra. Tirando do latim (católica) e traduzindo para o alemão, francês, português, etc. O que disseminou a Bíblia para uma linguagem".

Aperfeiçoamento pós-imprensa

Sem o papel toda a evolução da era tipográfica até os dias atuais seria extremamente difícil. O teólogo e diretor da Desenvolvimento Humano Sustentável e Consultor Institucional da ABTCP - Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, Francisco Bosco de Souza, relata que na época de Gutemberg, e também durante a Reforma Protestante, o papel usado nas Bíblias era de trapos brancos de tecidos, principalmente linho e cânhamo, conhecido depois como papel-trapo. Durante vários séculos esta era a matéria prima essencial para a produção do Papel.

"Com as melhorias para o processamento desses trapos de tecidos foi inventada a chamada 'Máquina-holandesa' no final do século XVII, que desintegrava os trapos recuperando as fibras para a fabricação do papel. Com essa tecnologia, que persiste ainda hoje, o que o moinho de martelo levava o dia todo para processar a Máquina Holandesa fazia em horas. A importância dos trapos se acentuou e sua escassez, devido à demanda, motivou a Inglaterra em 1666, a deliberar a proibição do uso dos tecidos em sepultamentos para o material ser reutilizado para fazer papel, favorecendo

a impressão de mais livros", explica Francisco.

Nas Bíblias ao lado, de 1707, 1723, 1736, respectivamente, é possível ver como a impressão nesses papéis conseguiram manter a impressão, ressaltando a tonalidade das cores com uma qualidade excelente mesmo com os séculos que se passaram. A gramatura do papel dessas Bíblias é de aproximadamente 80 g/m².

O diretor da ABTCP explica sobre o advento do desenvolvimento tecnológico da indústria de celulose e papel no mundo, responsável pelo desenvolvimento de papéis especiais com gramaturas baixas em torno de 44 e 45 g/m² com qualidades de resistência e printabilidade, que possibilitaram a impressão dos dois lados dessa folha "fina" facilitando o fácil manuseio e "transporte" das Bíblias.

O que difere o papel utilizado na impressão da Bíblia aos demais papéis usados na impressão de livros são suas propriedades das fibras do papel curtas de acácia, que fornecem uniformidade e homogeneidade. Numerosas, são responsáveis por melhorar diversas propriedades dos papéis de impressão e escrita, como a formação, estrutura e consolidação

1707



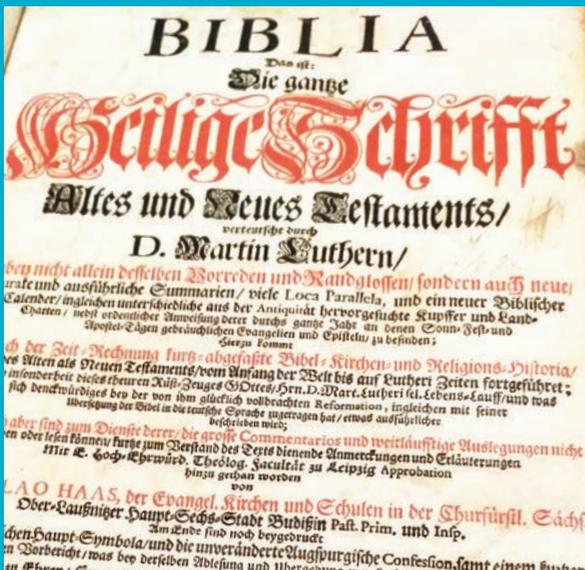
1723



1736



A BÍBLIA DE 1723 FOI IMPRESSA EM TÜRNBERG e traduzida para o alemão por Martin Lutero, com 639 folhas, com as dimensões: 27,1 cm x 40,8 cm x 13,0 cm. O miolo foi composto em papel de trapo na cor bege claro avergado, sendo possível observar marcas d'água em algumas folhas.



"OBSERVEM A QUALIDADE DA IMPRESSÃO, PELA VIVACIDADE DA COR, a qualidade do papel com mais de 300 anos de preservação" (Francisco Bosco de Souza).

da rede fibrosa, uniformidade das dimensões dos poros da folha, resistência superficial, lisura superficial, brilho superficial, absorção e transferência de tinta, densidade de impressão e definição de traços e imagens, retenção de cargas ("fillers"), devido à rede fibrosa mais fechada e à opacidade. Com estas propriedades o papel de fibra de Acácia é um utilizado para a impressão de Bíblias.

O que mudou hoje nas técnicas de impressão das Bíblias, e livros em geral nas últimas décadas, está correlacionado com a tecnologia mais avançada dos equipamentos inteligentes de pré-impressão e de impressão atuais. De acordo com Francisco, pensar na evolução da impressão da Bíblia levanta o "status quo" do desenvolvimento, onde hoje os imperativos da busca de solução de problemas e da rota do desenvolvimento passam necessariamente pela obstinação pela atualidade da Inteligência Artificial, Machine learning, pela computação cognitiva e pela Internet das coisas.

"Não se trata do que mudou, mas onde levará esta mudança que influi na cultura, nos valores, nas tecnologias, na velocidade das coisas. Como as pessoas estarão preparadas para viver a integralidade dos valores e princípios de integralidade da vida dentro dos princípios bíblicos?", explica o teólogo.

Desafios da preservação

O Antigo Testamento foi preservado pelos Judeus, que guardaram sua literatura de forma intacta durante milênios. Seus livros foram escritos por autores como Moisés, Davi e Salomão e foram escritos entre os séculos XIV e IV antes de Cristo. O Novo Testamento foi testemunhado e escrito pelos apóstolos de Jesus Cristo. Durante toda sua trajetória, a Bíblia permaneceu intacta ao longo dos anos, tendo uma preservação digna do maior projeto literário de todos os tempos.

O professor de história e bacharel em teologia Gerson Leite de Moraes explica um pouco mais sobre os principais desafios que as cópias da Bíblia encontraram para terem continuidade com o passar dos anos.

"Do ponto de vista da tradição cristã, a título de comparação, temos manuscritos preservados que datam do século 3 a 4 d.C. - se falando das cópias do Novo Testamento - que são muito confiáveis por estarem espalhados pelo mundo inteiro, o que se expande do domínio católico, se tornando um acervo que pertence à humanidade".

De acordo com o professor, um dos fatores principais na preservação da Bíblia

com o decorrer dos anos foi o interesse da tradição cristã, por ela visar à preservação, manutenção e estudo da Bíblia. Esse interesse pelo manuscrito fez com que a Bíblia não possuísse um rótulo católico, protestante, cópita etc. Sendo considerada como um tesouro da humanidade. Já se falando do Antigo Testamento, temos muitos documentos preservados graças ao que chamamos do processo de Aparato Crítico - a crítica documental - também chamado de Exegésis, o estudo da interpretação gramatical e sistemática das Escrituras Sagradas. O século XIX foi um século onde muitos especialistas, principalmente os alemães, fizeram o trabalho de seleção daquilo que viria a ser, por exemplo, uma Bíblia com aparato crítico, no Antigo Testamento temos a Bíblia Hebraica Stuttgartensia, repleta com manuscritos antigos datando do século X, preservados e elencados. **"As cópias da Bíblia foram sendo preservadas numa época bastante complicada, mas foram preservadas da mesma maneira, e estão hoje todas estruturadas dentro de uma perspectiva crítica, a crítica documental"**, explica.



FOTOS: ACERVO FRANCISCO BOSCO DE SOUZA

A Bíblia na era digital

Sendo um dos livros mais antigos e lidos do mundo, a Bíblia, além de ter resistido ao tempo, evoluiu seu processo de produção e reprodução. Na Idade Média as cópias eram transcritas manualmente, depois passaram a ser impressas e hoje, para além das Bíblias impressas, temos as Bíblias digitais.

Um exemplo dessa nova forma de ler os textos sagrados é a modernização da Sociedade Bíblia Brasileira (SBB) que durante décadas dedicou-se com prioridade em imprimir a Bíblia em sua gráfica e agora também distribui o livro em formatos digitais. Tendo o número de disponibilização das versões digitais saltando de 384,3 mil livros para 1,5 milhão, com um intervalo de somente um ano.

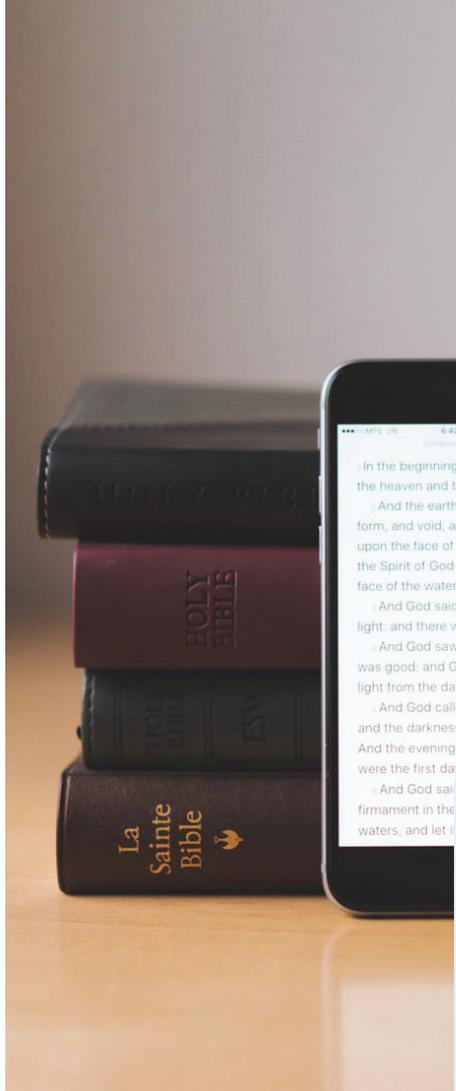
O mundo digital é uma prerrogativa das novas formas de participação social, do processo individualizado de cultura, aprendizagem e de manifestação da própria espiritualidade. Não há mais paredes, o *online*, a acessibilidade eletrônica e cibernética se tornaram essenciais no modo de vida contemporâneo, assim pensa o especialista e teólogo Francisco Bosco.

Para ele, também teólogo, do mesmo modo que a Reforma Protestante soube aproveitar o momento histórico e cultural de sua época e no embalo do valor dado para e pela Bíblia, como o primeiro livro impresso, divulgou a doutrina e

congregou os seus fiéis, temos hoje a tecnologia e o crescimento de tudo o que é digital. Tendo os aplicativos como fatores de facilitação da pesquisa e do conhecimento.

De acordo com o professor e teólogo Marcelo Carneiro é positivo que a Bíblia participe destas novas plataformas, pois isso mostra o frescor e a importância atual do livro. “Para muitos jovens das gerações mais novas, um aplicativo da Bíblia tem o mesmo valor do livro escrito que seus pais e avós apreciam tanto e guardam em lugares especiais em casa. Na internet se pode ter acesso a várias traduções, tipos de texto e comentários, inclusive, facilitando não só a leitura como a compreensão do texto”, explica o professor.

O professor de história Gerson Moraes também ressalta como a internet e os aplicativos, se tornaram mais um canal de comunicação para divulgar a mensagem da Bíblia. **“Em essência nada muda, a mensagem, o texto está tudo ali, no final das contas você ainda tem a experiência do leitor diante do texto. Quem lê apropria interpretações diferentes. Dentro de uma comunidade de fé existe uma maneira de ler a Bíblia, mas apesar das interpretações já se entra com pressupostos. O texto é vivo, e que continua sendo lido e recebido pela comunidade de fé como a palavra de Deus”**, reforça o professor Moraes.



A Bíblia ao longo do tempo

1000 a.C.

Cântico de Débora: é um poema bíblico que ocupa todo o capítulo 5 do livro de Juizes, é o texto mais antigo dentre todos os textos bíblicos.

1700 a 1300 a.C.

Antigo Testamento (10 Mandamentos): usou da escrita cuneiforme para talhar os mandamentos nas tábuas de pedra.

900 a.C.

Códice de Alepo: escrito em hebraico compreendia todo o Antigo Testamento, devido a um incêndio só restarem três quartos do códice original.

586 a.C.

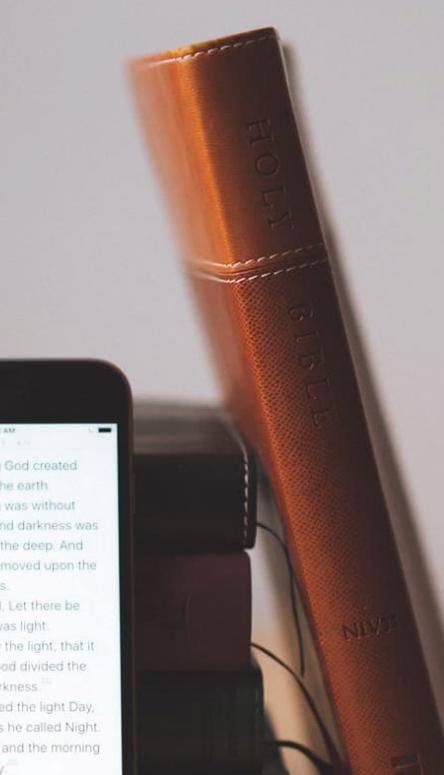
Pentateuco: são os cinco primeiros livros da Bíblia, chamado entre os judeus de Torá.

250 a.C.

Bíblia Septuaginta: primeira tradução conhecida do Antigo Testamento, foi usada pelos apóstolos no primeiro século depois de Cristo.

3 a.C

Manuscritos do Mar Morto: são considerados o exemplar mais antigo da Bíblia Hebraica já encontrado. Compostos por 900 manuscritos, supostamente produzidos por membros de uma antiga seita judaica, foram descobertos na caverna de Qumran, no trecho do Mar Morto na Cisjordânia, entre 1947 e 1956.



3 museus com Bíblias históricas

▪ MUSEU DAS TERRAS DA BÍBLIA – JERUSALÉM, ISRAEL

O museu explora e contextualiza a cultura dos povos mencionados na Bíblia, entre eles os antigos egípcios, cananeus, filisteus, arameus, hititas, elamitas, fenícios e persas.



▪ MUSEU DA BÍBLIA BARUERI, BRASIL

É o primeiro museu do País e o maior do mundo em sua especialidade, possui um acervo reunido ao longo de mais de quase 70 anos, promovendo educação e cultura por meio das Sagradas Escrituras.



▪ MUSEU DA BÍBLIA WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS

O museu traz narrativas, com a história e com o impacto da Bíblia através das exposições e das iniciativas impulsionadas.

50 – 100 d.C

Novo Testamento: Os livros do Novo Testamento foram escritos na segunda metade do primeiro século da era cristã. Vários indícios apontam para que os primeiros livros tenham sido as cartas do apóstolo Paulo e o último o de Apocalipse.

379 d.C.

Bíblia Vulgata Latina: uma das traduções mais importantes da Bíblia, traduzida pelo ordenado sacerdote Jerônimo para ser a primeira tradução latina da Bíblia. Tem o título de primeiro livro impresso da história juntamente com a primeira Bíblia impressa, pelo trabalho da prensa de Gutenberg.

1209

Códice Vaticano: provavelmente produzido no Egito este manuscrito cobre toda a Bíblia, é considerado por especialistas como o melhor representante do texto original do Novo Testamento. O nome do codex deve-se ao fato de estar guardado na Biblioteca do Vaticano, desde o século XV. Escrito em 759 folhas de velino em letras unciais, foi datado palaeograficamente como sendo do século IV.

1525

Bíblia de Tyndale: foi a primeira tradução do Novo Testamento para o inglês, juntamente com textos originais do grego e do hebraico do Antigo Testamento.

1534

Bíblia de Lutero: tem uma importância fundamental na consolidação do movimento da Reforma Protestante além de ser a primeira tradução para o alemão.

1576

Bíblia de Genebra: primeira tradução completa e organizada da Bíblia para a língua inglesa.

1864

Primeira Bíblia impressa no Brasil: a tradução do padre Antonio Pereira de Figueiredo foi a Bíblia impressa pioneira no Brasil, sendo bem aceita por protestantes e católicos.

1998

Primeira Bíblia eletrônica em português: foi lançada pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

Por Rev. André Tadeu de Oliveira

LITURGIA PEDAGÓGICA

"Penso, logo existo", a máxima do filósofo francês René Descartes, tornou-se o principal axioma para o ser humano. Somos o que pensamos. Esta premissa fruto da filosofia iluminista adentrou na própria igreja cristã, levando à fé compreendida como mero conhecimento racional de doutrinas e dogmas. Contra este entendimento reducionista, James K. A. Smith, filósofo reformado canadense, escreveu "Desejando o Reino - Culto, Cosmologia e Formação Cultural". Primeiro fascículo de uma trilogia, o livro defende que o amor e o desejo definem parcela substancial de nossa personalidade. Só há dedicação se existir o amor. Inclusive, nossa racionalidade só é estimulada por algo realmente desejado. E como o desejo é estabelecido na vida humana? Por meio de hábitos e práticas, pondera Smith. Esta constatação é essencial para o discípulo cristão. A igreja só conseguirá transmitir sua mensagem, se ganhar o coração de determinada pessoa, não sua mente.

Smith acredita que o mundo secular compreendeu bem a importância do sentimento para despejar sua agenda cultural. Hábitos considerados não-religiosos, como um simples passeio no Shopping mais próximo, formam personalidades não por meio de construções teóricas, mas por meio do desejo. O consumismo converte-se em "uma visão deturpada do Reino", sendo o próprio



Shopping um templo religioso. Ocorre o que o filósofo canadense denomina de "liturgia secular".

Como contraponto à avalanche de liturgias seculares, a igreja cristã deve recorrer à liturgia tradicional para despertar o amor ao verdadeiro Reino de Deus. O culto cristão, por meio de suas práticas habituais, tocará no coração de cada crente. Assim, elementos litúrgicos como Saudação, Confissão de Pecados, Afirmação de Fé, Louvor, Santa Ceia etc. são interpretados de uma forma pedagógica capaz de despertar paixão e estimular o cristão a atuar de maneira transformadora na sociedade. Um livro essencial para educadores cristãos, liturgistas e demais interessados em uma fé verdadeiramente relevante. ▲

DESEJANDO O REINO - CULTO, COSMOVISÃO E FORMAÇÃO CULTURAL,
James K. A. Smith, Vida Nova, 239 páginas.

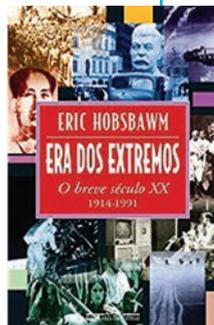
EFEITO SÉCULO XX

Estamos no início do século XXI, mas o que paira sobre nós são as consequências do século XX. É impossível projetar o futuro do planeta ignorando o século passado. Em "A Era dos Extremos. O Breve Século XX- 1914-1991", o historiador marxista britânico Eric Hobsbawm narra os principais fatos que marcaram um dos momentos mais turbulentos e revolucionários da humanidade.

O livro divide o século XX em três períodos distintos: A Era da Catástrofe (1914 a 1945), marcada por crises econômicas, revoluções sociais e duas Grandes Guerras Mundiais; A Era de Ouro (1945 a 1973), pontuada pelo desenvolvimento das nações capitalistas industrializadas e pela consolidação e estabilidade do bloco soviético; A Era do Desmoronamento (1974 a 1991), em que o capitalismo intervencionista, modelo do chamado Estado de Bem-Estar Social, passa a ser contestado por adeptos do liberalismo econômico clássico, e o socialismo segundo o formato stalinista experimenta seu colapso derradeiro.

Além de fatos políticos, econômicos e sociais, Hobsbawm narra de forma brilhante os principais acontecimentos culturais e comportamentais que não apenas influenciaram o século XX, mas se fazem presentes até nossos dias. Hobsbawm afirma que o século XXI seria pautado por uma indefinição assustadora, pois nenhum dos projetos político-econômicos (socialismo planejado, capitalismo intervencionista e liberalismo clássico) cumpriu o prometido: trazer estabilidade permanente ao mundo. Escrito no já longínquo 1994, não seria de todo errado afirmar que Hobsbawm acertou na medida. ▲

A ERA DOS EXTREMOS - O BREVE SÉCULO XX- 1914-1991,
Eric Hobsbawm,
Companhia das Letras,
598 páginas.



APPS DA BÍBLIA



BIBLE

Desenvolvido para celulares Android e iPhone (iOS), o app Bible (Bíblia Sagrada) está traduzido para mais de 30 idiomas, incluindo o português. O aplicativo é gratuito e permite selecionar diferentes versões. O usuário pode ouvir áudios, fazer anotações e compartilhar trechos.



BÍBLIA PARA CRIANÇAS

Conta as principais histórias em linguagem infantil, como a criação do mundo, o jardim do Éden e a arca de Noé. Grandes ilustrações acompanhando e narrando. Para baixar no iPhone e Android. As histórias são vendidas à parte (exceto a da criação, que é grátis).



BÍBLIA EM PORTUGUÊS ALMEIDA

É um app para smartphones Android que conta com a tradução de João Ferreira de Almeida. Ele tem versões grátis e paga, contando com diferentes planos de leitura e recursos. Depois de instalado, o aplicativo permite ler todo o conteúdo offline.



EU SEI A BÍBLIA

Em formato de quiz, permite testar conhecimentos. Conta com várias perguntas sobre personagens, passagens e versículos bíblicos. As respostas corretas dão bônus, que podem ser usados para desbloquear mais fases. O app é grátis para os sistemas Android e iOS.



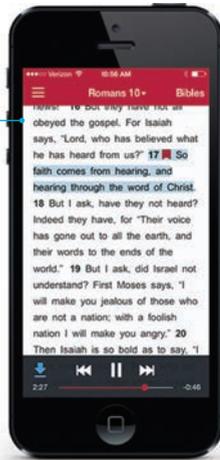
JFA OFF LINE

Grátis, o app funciona como uma Bíblia falada, com áudio sincronizado com o versículo e compatibilidade com o Talkback, permitindo o uso por deficientes visuais. Com versões para iPhone e Android, tem mecanismo de busca, anotações e marcações em cores.



BÍBLIA.IS

O Bible.is tem 1.200 idiomas, incluindo o português, permitindo localizar a versão tanto pela língua quanto pelo país. Todos os versículos estão disponíveis para download. Há áudio em português para o Novo Testamento, filme sobre Jesus e recurso de compartilhamento.



**TRANSFORME SUA
MOTIVAÇÃO
EM
RESULTADO!**



FUNCIONAL



QUADRA



GINÁSTICA



AQUÁTICO



MUSCULAÇÃO

**ATIVIDADES PARA
TODA FAMÍLIA**

Saúde e qualidade de vida em 11 unidades esportivas.
Consulte em nosso site a mais próxima.

#VEMPRAACM

ACM CENTRO
RUA NESTOR PESTANA, 147

11 3138 3000

www.acmsaopaulo.org



@acmsaopaulo



ACM / YMCA

Content XP

INOVAÇÃO & CRIATIVIDADE PARA CONECTAR EMPRESAS

Estratégia de comunicação em todas as plataformas.

Acesse: ContentXP.tk | Alameda Lorena, 800 / Cj. 602 | 11 2619.0752

Nossos clientes:

